



UnB – Universidade de Brasília
FCI – Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Gabriella de Oliveira Santiago

Imagem na tela: o Bibliotecário como preservador da memória

Brasília

2017

GABRIELLA DE OLIVEIRA SANTIAGO

Imagem na tela: o Bibliotecário como preservador da memória

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciência da Informação (FCI) da Universidade
de Brasília (UnB) como parte dos requisitos
para obtenção de grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Braga de
Oliveira

Brasília, julho de 2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor (a): Márcia Abrahão Moura

Vice Reitor (a): Enrique Huelva Unternbäumen

FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Diretor (a): Elmira Luzia Melo Soares Simeão

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador (a): Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque

S235b Santiago, Gabriella de Oliveira

Imagem na tela: o Bibliotecário como preservador da memória / Gabriella de Oliveira Santiago. – Brasília, 2017.

90 f., il.

Monografia (trabalho de conclusão de curso) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da informação, Curso de Biblioteconomia, 2017.

Orientação: Eliane Braga de Oliveira.

1. Biblioteca. 2. Bibliotecário. 3. Preservação da Memória. 4. Cinema 5. Locais de Memória. I. Oliveira, Eliane Braga. II. Título.

GABRIELLA DE OLIVEIRA SANTIAGO

IMAGEM NA TELA: O BIBLIOTECÁRIO COMO PRESERVADOR DA
MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade de Brasília, para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em 4 de julho de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Eliane Braga de Oliveira – Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Profa. Dra. Cynthia Roncaglio - Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Profa. Dulce Maria Baptista - Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Dedico:

À minha família e amigos, que sempre foram
meu maior apoio e motivação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Lúgia e André, pela educação, por terem sempre me incentivado a querer estudar, de ir atrás do que eu desejava; aos meus irmãos, por terem sempre me apoiado durante o processo de vestibular até agora, estando comigo com pensamentos positivos quando eu achava que nunca iria entrar na UnB. Às minhas irmãs “tortas”, Gabriela Rodrigues e Kelly, por desempenharem o papel de irmãs mais velhas, que me deram apoio, que brigaram quando eu precisava de uns puxões de orelha. Obrigado por serem a família mais estranha e pela parceria. Poder partilhar a vida com vocês é a melhor coisa.

Agradeço à minha tia-avó Teresinha por ser a pessoa pequena e grande, com garra e determinação que me inspira desde que eu era criança e às suas filhas Thaísa Raquel e Teresa Cristina, que sempre foram o meu apoio, que me ensinaram a querer sempre o melhor e me ajudaram com os meus estudos que sempre me motivaram e principalmente a Teresa que me apresentou a Biblioteconomia. Graças a ela, hoje estou me formando nesse curso o qual sou completamente apaixonada.

Agradeço aos meus avós, Galvina e Evanildo pelo o imensurável e puro amor, pelas ligações diárias para perguntar como estavam “andando” as coisas na faculdade, para perguntar como estava indo a minha “mamografia” e dizer que rezavam por mim. Agradeço aos meus avós, tios, primos e familiares, por todo o carinho e torcida.

Agradeço aos meus amigos, que durante toda essa jornada foram companheiros e ajudaram deixar esse caminho um pouco menos difícil. Aos meus amigos echelon que conhecemos por causa de um sonho que hoje são essenciais, são os meus ouvintes e conselheiros. Aos meus amigos Fabiane, João Vitor, Taynara, Layane e Lucas, por serem as minhas amizades mais antigas que estiveram comigo desde do início de tudo e que eu sempre pude contar as minhas experiências universitárias. E as minhas amigas de curso Heloana, Thaline, Anna Paula, Sabrina, Rubenita e Joacimar que alegraram a minha vida acadêmica; obrigada por terem sido companheiras durante esses quatro anos de Biblioteconomia.

Agradeço aos meus colegas de trabalho e ao meu chefe por acreditarem no meu trabalho como Bibliotecária e por me darem a chance de crescer profissionalmente e como pessoa.

Agradeço à professora Eliane, por ter aceitado me orientar e pela disposição em percorrer comigo essa minha última etapa como estudante universitária.

E por último, mas não menos importante, agradeço a Deus e a Nossa Senhora por serem meu refúgio nos momentos de insegurança, o meu conforto nos momentos de dúvida, por me darem forças nos momentos mais difíceis durante a minha graduação.

“As memórias não são apenas sobre o
passado, elas determinam o nosso futuro.”

(The Giver)

RESUMO

Realiza-se uma análise da imagem do Bibliotecário e das bibliotecas em produções cinematográficas comerciais, uma vez que o cinema é uma das linguagens com mais influência no mundo contemporâneo. Os filmes cinematográficos possuem uma capacidade de atingir diferentes públicos. De modo geral, objetivou-se analisar como é retratado o Bibliotecário como preservador da memória. A profissão que surgiu como guardiões de livros foi se aperfeiçoando ao longo dos tempos, mas ainda é necessário trabalhar com o serviço de preservação. Porém, como este profissional como preservador da memória é representado no cinema? Será que é representado? Será que é mostrado de forma estereotipada? Responder estes questionamentos foi o objetivo deste trabalho. Para isso, foram feitas a análise e a descrição de filmes e utilizando-se a metodologia exploratória com abordagem qualitativa. Apesar de uma imagem estereotipada ser utilizada para identificação do personagem Bibliotecário, percebe-se a importância que este tem na preservação da memória.

Palavras-chave: Bibliotecário. Preservação da Memória. Bibliotecas. Cinema.

ABSTRACT

An analysis of the image of the librarian and libraries in commercial cinematographic productions is carried out, since cinema is one of the languages with more influence in the contemporary world. Cinematographic films have a capacity to reach different audiences. In general, the objective was to analyze how the librarian is portrayed as a preserver of memory. The profession that has emerged as guardians of books has been improving over time and it is still necessary to work with the preservation service. But how is this professional as a preserver of memory represented in the cinema? Is it represented? Is it shown in a stereotyped way? To answer these questions was the objective of this work. For this, the analysis and description of films were made and using the exploratory methodology with a qualitative approach. Although a stereotyped image is used to identify the librarian character, one can see the importance that the librarian has in preserving memory.

Keywords: Librarian. Preservation of Memory. Libraries. Movie theater.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Caminho evolutivo das bibliotecas	20
Figura 2: Cartaz do filme Fahrenheit 451	48
Figuras 3-4: Queima de livros	49
Figuras 5-7: Montag pegando um livro escondido para leitura	50
Figuras 8-11: Montag e o corpo de bombeiros queimando o grande acervo da biblioteca secreta de uma senhora	51
Figuras 12-15: Fuga de Montag e o encontro com as pessoas-livros	52
Figura 16: Cartaz do filme O Nome da Rosa	53
Figuras 17-18: Bibliotecário traduzindo um livro grego para o Latim	54
Figuras 19-23: Visita do Frei William à biblioteca	55
Figuras 24-27: Freis William e Adson conseguem entrar no acervo da biblioteca.....	56
Figura 28: Cartaz do filme A Máquina do Tempo	57
Figuras 29-32: Visita de Alexander à biblioteca	58
Figuras 33-36: Biblioteca destruída com a ação do tempo	59
Figura 37: Vox narrando história aos Elois	60
Figura 38: Cartaz do filme Ágora (Alexandria)	61
Figuras 39-41: Biblioteca de Alexandria	62
Figuras 42-45: Preocupação em salvar os escritos	63
Figuras 46 e 47: Destruição da Biblioteca de Alexandria	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características do Bibliotecário na literatura científica da biblioteconomia e no cinema	65
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEDOCs – Centros de Documentação

AIC – American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works

CI – Ciência da Informação

BAV – Biblioteca Apostólica Vaticana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Justificativa	16
1.2 Objetivo Geral	17
1.3 Objetivos específicos	17
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 Memória	18
2.2 Bibliotecas: Locais de História e Memória	20
2.3 Alguns Aspectos da História do Cinema	25
2.4 O Bibliotecário	29
2.4.1 O Profissional Bibliotecário	29
2.4.2 O Papel do Bibliotecário na Preservação da Memória	35
2.4.3 A Imagem do Bibliotecário no Cinema	40
2.5 Representação da Informação Fílmica	42
3 METODOLOGIA	45
4 ANÁLISE DE DADOS	47
4.1 Fahrenheit 451	48
4.2. O Nome da Rosa	53
4.3 The Time Machine (A Máquina do Tempo) – 2002	57
4.4 Ágora (Alexandria)	61
5 CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	80
Anexo A – Índice de Filmes que apresentam Bibliotecários	80
Anexo B – Referência dos filmes assistidos	87
Anexo C – Ficha Técnica dos Filmes Analisados	90

1 INTRODUÇÃO

A preservação da memória é um tema estudado há bastante tempo. Veio a ter destaque no final do século XX e começo do século XXI, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, quando houve a preocupação em criar registros que resgatassem a memória, fossem eles monumentos, ou livros. Isso gerou discussão nas sociedades sobre o perigo do esquecimento dos fatos históricos que marcaram e que marcariam a história da humanidade.

O papel do Bibliotecário é importante na sociedade de diversas maneiras. Desde a antiguidade, a imagem do Bibliotecário é associada a um guardião de informações que se utiliza dos processamentos técnicos. Contudo, ao longo do tempo, essa imagem foi se alterando por causa das mudanças culturais, das novas tecnologias de comunicação e informação.

Ciancini (apud BRANQUET et al, 1999) afirma que

Os novos profissionais da informação [...] estão envolvidos principalmente com a administração da informação como recursos utilizando sempre que possíveis novas tecnologias. Devem efetuar planejamento de produtos e serviços, implantar programas com diretrizes e metas, acompanhar e racionalizar o fluxo da informação, promover sua disseminação e uso. (CIANCINI apud BRANQUET et al, 1999, p.69)

Novas formas de trabalho surgiram dentro da biblioteca devido ao nascimento de novas ferramentas que facilitaram a organização e a disseminação da informação. Apesar de o Bibliotecário não estar apenas no espaço físico da biblioteca, podendo trabalhar em outras áreas, ainda existe área de preservação no trabalho deste profissional que é importante. Por estarmos vivendo em um ambiente que se utiliza de tecnologias e de meios digitais, que multiplicam os tipos de registro, acreditamos que pouco se fala sobre a memória, sobre o Bibliotecário que cuida da preservação da memória. Não se dá a devida atenção a isso. A sociedade acaba esquecendo ou desconhecendo a função de preservar a memória. Mesmo com o destaque

dado aos meios digitais, a preservação da memória se estenderá a esses meios, uma vez que ainda haverá a produção e o armazenamento de registros.

Os meios de comunicação em massa formam e mostram ao público imagens que podem ser realidade ou não. Assim como é apresentado na obra de Fernando Weltman *A Imprensa faz e desfaz um presidente*, onde o autor levanta questões importantes sobre o papel dos meios de comunicação na construção e desconstrução de um personagem político por meio de seus aspectos de sua produção aliados ao desempenho do personagem, acontece também no cinema, em que, por intermédio de técnicas e comportamentos do personagem, firma-se uma imagem do personagem representado que pode ser real ou não.

A representação cinematográfica do Bibliotecário tem sido constante, sendo retratado de diversas formas. Assim, neste trabalho foram identificados, filmes com personagens Bibliotecários, representações do Bibliotecário ou da biblioteca, ou algum personagem que representa um profissional desempenhando o papel de preservador da memória.

Este estudo aborda a biblioteca como espaço de memória bem como o Bibliotecário como agente de guarda e de preservação da memória de uma sociedade. E está estruturado da seguinte forma: Introdução com apresentação, justificativa e os objetivos; Revisão de Literatura, onde é apresentado o referencial teórico, a análise dos filmes que apresentam a figura do Bibliotecário e das bibliotecas como preservadores da memória, e Conclusão.

1.1 Justificativa

A imagem do Bibliotecário é um fato curioso dessa profissão. É importante entender que em toda profissão o profissional evolui, reinventar-se, adaptar-se, adquire novas características mediante as necessidades para a execução de seu trabalho. O Bibliotecário, sofreu uma grande transformação no seu campo de atuação, uma vez que, em seu início, era conhecido como o guardião da informação e passou a ser o disseminador.

No entanto, parece que a visão que se tem de um Bibliotecário é apenas uma. Na Biblioteconomia muito se fala a respeito da biblioteca digital, a respeito da disseminação e organização da informação, sem reconhecimento da importância que um Bibliotecário tem na preservação da memória, e da informação para a geração atual e para as posteriores. Salgado e Becker (1998) afirmam que “divulga-se bibliotecas, estuda-se o usuário, dissemina-se a informação. Isso é fato. Mas não é tão comum [...] estudar-se o Bibliotecário”.

A criação de uma imagem não precisa ser construída por gêneros científicos, mas também por outras formas de linguagem. O cinema é uma delas, e talvez uma boa alternativa, uma vez que dentro das linguagens visuais é uma das mais relevantes do século XX, ela é formadora de opinião, um método de lazer e diversão e isso atrai mais o público e faz com que ele crie uma imagem do Bibliotecário ao assistir aos filmes.

“Curiosidade, entretenimento, diversão, instrumento de cultura e formação, meio de comunicação social, uma indústria que fatura milhões, o cinema é, certamente, uma das forças mais poderosas da mídia mundial”¹. Observa-se que os filmes não são apenas uma forma de lazer, mas também um forte meio de comunicação que tem a capacidade de influenciar as pessoas. Com isso, identificamos alguns filmes que abordam o profissional Bibliotecário e como são associados à determinada imagem.

Diante disso, consideramos fundamental que existam estudos que procurem entender como o Bibliotecário é visto como um preservador da memória.

1.2 Objetivo Geral

Descrever a representação do Bibliotecário como preservador da memória em filmes comerciais.

1.3 Objetivos específicos

¹Retirado de: <<http://comarte.upf.br/?p=8507>>

- Identificar filmes comerciais que mostram o Bibliotecário como preservador da memória.
- Examinar, nos filmes selecionados, como é apresentado o Bibliotecário, e como é composta a sua imagem.
- Analisar, comparativamente, as representações identificadas com as atividades dos Bibliotecários explicitadas na literatura científica da área.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na Revisão de Literatura, conceituam-se os termos preservação e memória. Serão apresentados os aspectos principais da formação de uma biblioteca e do profissional Bibliotecário, bem como a sua representação no cinema. Também será desenvolvido um breve histórico do cinema e do seu papel.

2.1 Memória

Como o propósito desse trabalho é falar dos Bibliotecários e das bibliotecas como preservadores da memória é necessário um entendimento sobre este conceito de memória. Nesta análise será abordado principalmente o conceito de memória coletiva, compreendendo-a como a reunião das memórias individuais que são compartilhadas no espaço social e transmitidas de uma geração para outra, por meio dos costumes e tradições.

O tema memória é trabalhado em várias áreas do conhecimento, entre elas na filosofia, psicologia, comunicação, história e na ciência da informação – esta última será análise neste trabalho. Cunha (2008) no *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* conceitua memória como:

Termo que abrange várias estruturas e processos que tem limites mal definidos tanto na psicologia do dia-a-dia como na técnica[...]. Possibilidade que a consciência tem de evocar imagens recuando até o passado e reconhecendo-as como tais, e extrair os elementos de uma informação repetitiva ou não. (CUNHA, 2008, p.243)

Na definição de Cunha percebe-se que o termo é interdisciplinar é abrangente.

Le Goff (1990) conceitua memória como um conjunto de funções psíquicas, em que o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passada. Já Oliveira (2010) define a memória como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado de modo a evocá-los e transmiti-los às novas gerações. Quando se fala sobre memória, não é apenas para se abordar o passado, mas também para pensar no futuro. Rossi (2010) afirma que a memória se relaciona não somente com o passado, mas também com a identidade e, assim, com a própria existência no futuro.

Halbwachs (2004) assegura que a memória pode apresentar-se de forma documentada ou ainda por intermédio da oralidade, por meio de depoimentos, testemunhos, contos, entre outras modalidades. Com o surgimento da escrita, a memória é favorecida pelos registros da informação possibilitando sua conservação no tempo e no espaço.

Como a tradição oral foi se perdendo ao longo do tempo, nasceu a necessidade de preservar os traços do passado em “lugares de memória” (Nora, 1993). Von Simson (2006) ressalta que com a perda dessa tradição, foram criadas instituições especialmente voltadas ao trabalho de coleta, seleção, guarda, organização e disponibilização da memória. Fragoso (2008) apresenta, em sua dissertação, que tanto órgão público quanto privado, instituídos socialmente, culturalmente e politicamente, têm a finalidade de preservar a memória de um indivíduo ou de uma sociedade ou de alguma nação. Acrescenta ainda, que a memória possui função de socialização, comunicação e aprendizagem e disponibiliza informação patrimonial como fonte de pesquisa na formação de identidades, na construção da história e na produção de trabalhos científicos. Assim sendo, a memória vai se manifestar a partir de bibliotecas, museus, arquivos, lugares de memória, onde os suportes podem variar em diversas formas, desde registros em textos, até películas. Com a união desses objetos, selecionando o que é importante, atribuindo-lhes um significado em comum, esses objetos podem se transformar em

documentos que serão fundamentais para melhor entendimento da nossa sociedade.

Nora (1993) quando discute sobre memória, coloca em evidência a necessidade de se instituir lugares de memória. Para o autor não existe mais a memória espontânea, daí se encontram as bibliotecas, arquivos e afins como um local importante para disseminar os documentos que vão auxiliar na preservação da memória. Acreditamos que como não existe mais memória, criaram-se os documentos como suportes. Os documentos que pertencem a essas instituições, normalmente, têm como objetivo colocar em evidência algum acontecimento passado que ajudará na construção do conhecimento e os documentos serão os mediadores que vão ligar o passado ao presente.

O conceito de memória, tratando-se de preservação, vem sendo estudado há certo tempo. Hjørland (apud BODÊ, 2015, p. 87), há pouco mais de uma década, já estudava as relações entre os documentos, instituições de memória e a ciência da informação, observando que as bibliotecas são colocadas na lista das instituições de memória, com arquivos e museus. Monteiro, Carelli e Pickler (2006) apontam que o termo na CI que mais se associa ao termo “memória” é a preservação que visa à salvaguarda dos documentos. Sendo assim, preservação e memória, correlacionadas no âmbito das bibliotecas, referem-se ao registro, ao tratamento, ao controle, à guarda, à disseminação e ao acesso aos documentos.

2.2 Bibliotecas: Locais de História e Memória

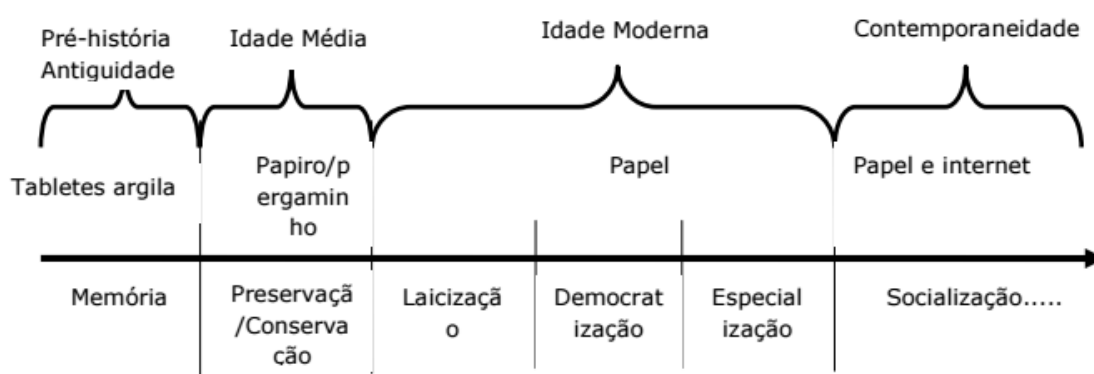


Figura 1: Caminho evolutivo das bibliotecas
Fonte: SANTA-ANNA, Jorge; 2015

O ser humano no decorrer de sua história vem desenvolvendo conhecimentos, reunindo crenças, costumes, criando sua própria identidade. Também tem procurado formas de registrar as suas experiências em diferentes suportes e/ou fontes de informação que permeiam a tradição oral, a memória e os registros, com o objetivo de preservar seus costumes, tradições e conhecimentos. Exemplo disso são as manifestações das pinturas rupestres como registro há mais de 30 mil anos. Em seus primórdios, o homem vem construindo espaços destinados à guarda dos registros que foram produzidos pelas civilizações.

Fernandes (2006) afirma que a memória era transmitida pela palavra. Com o surgimento da escrita, “essa nova escrita sai da esfera biológica do ‘homem memória’, já que o suporte [da mesma] está materializando em uma estrutura perene demandando novas formas de organização e de uso”. (FERNANDES, 2006 apud BEZERRA; OLIVEIRA, 2013 p. 3).

Gagnebin (2006) diz que a memória dos homens se constrói por meio da tradição oral e através da conservação pela escrita, mas nem a comunicação oral e nem a escrita perduram pelo tempo, então se faz necessária a criação de estratégias de conservação, mecanismos para a preservação, a criação de “[...] um espaço dinâmico e vivo tendo como uma das tarefas fundamentais colecionar, proteger, inventariar e, finalmente, tornar acessível a herança da cultura escrita” (CHARTIER, 2002, p. 30).

Com o avanço da sociedade e seu crescimento, Shera (1976) diz que experiências vividas pelo ser humano tornaram-se tão extensas que ultrapassaram os limites da memória humana. O registro dessas experiências não podiam ser deixadas para a sobrevivência por intermédio da tradição oral. Sobre isso, ressalta Milanese (1983) que era preciso reter a informação sobre um suporte concreto, o que, conseqüentemente, torna importante a preservação desses suportes e a sua organização

Para facilitar a ordenação e o acesso de registros, os homens, as cidades e os países, durante séculos de história, consideraram melhor juntá-los em único lugar, formando coleções e criando serviços a elas vinculados. (MILANESI, 2002, p.10)

Montenegro (1994) afirma que atualmente a memória é compreendida pelo seu caráter livre, em que lembrar, não é reviver, mas refazer, repensar, com as ideias de hoje as experiências do passado, com o senso de preservação, para garantir a sua disseminação às gerações posteriores. Percebe-se, então, a necessidade de reunir, organizar e preservar, de forma mais eficaz, as várias formas de registro de informação existentes.

As bibliotecas, a princípio, não possuíam um caráter de acesso público. Eram caracterizadas por serem um local de depósito de livros, muito mais um local onde se escondiam os livros do que um lugar para preservá-los e difundi-los (MARTINS, 2002).

Dentre as bibliotecas mais importantes da antiguidade – pode-se citar a biblioteca de Nínive, de Pérgamo e a (talvez) mais conhecida, a de Alexandria – entendidas como “um projeto que se propõe a fazer em um mesmo espaço, a existência de todo o vestígio do pensamento humano” (BARATIN, 2000), tinham como objetivo armazenar todo o conhecimento humano, ou, pelo menos, todo o conhecimento registrado, tornando-se símbolos culturais de poder e memória da humanidade.

Segundo Nora (1993, p. 13) “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões da eternidade”. Pode-se dizer que as bibliotecas se enquadram nessa definição, pois, em sua função de guardar e preservar, reconstroem a memória histórica em seu acervo, por intermédio de seus documentos, tornando-se, assim, lugares de memória da humanidade, locais de guarda de registros, um espaço em que através do tempo reúne documentos para a garantia do não esquecimento para seus usuários, a fim de disseminar a história e, por consequência, gerar conhecimento por meio da disseminação da informação. Conforme aponta Nora, na ilusão de eternidade, mesmo sabendo que tudo

acaba, há a tentativa de não se deixar que a memória se deixar vencer pelo esquecimento. Ao preservar os documentos, os registros de memória de uma sociedade, de uma nação, a história poderá ser transmitida, em diferentes suportes, com diferentes motivações, para disponibilizar às pessoas os fatos que elas não presenciaram, mas que podem fazer parte da sociedade na qual estão inseridas.

Assurbanipal II teve uma vasta biblioteca que continha mais de 25 mil placas de argila catalogadas e guardadas que foram cuidadosamente preservadas, e, por isso, estas placas chegaram até nós. Não se sabe muito sobre os métodos de preservação que eram utilizados naquela época, porém, por essas placas de argila, sabe-se que Assurbanipal II possuía um acervo diversificado que reunia todo um conhecimento existente no mundo, naquele período. O mesmo aconteceu com a Biblioteca de Alexandria no Egito Antigo, que possuía um acervo com mais de 700 mil rolos de papiros e, apesar do incêndio e das guerras, ainda hoje existem obras em pedras e papiros que resistiram ao tempo, por meio do trabalho de preservação dos profissionais daquele período histórico. Contudo, Battles (2003) observa que os documentos das bibliotecas da antiguidade que resistiram ao tempo só estão aqui por terem sido de acervo privado e, por isso, ficavam escondidos da atenção dos nobres e devotos do conhecimento.

A Biblioteca de Alexandria, segundo Jacob (2000), era um depósito de papiros organizados em estantes. Os rolos de papiro eram armazenadores de dados que carregavam vestígios do tempo, e na cidade de Alexandria pretendia-se que conservassem a memória do mundo todo em um só local. Obras produzidas em todo o mundo, traduzidas para o grego e organizadas na biblioteca, assim possuindo, todo o conhecimento produzido no mundo em diversas línguas e sendo local das memórias e dos vestígios do passado.

No Império Romano, nasceram as bibliotecas públicas, concebidas por Júlio César e construídas por Asínio Pólio, que só tiveram popularização quando Augusto colocou as casas de banho com bibliotecas, o que fez com que as pessoas que eram alfabetizadas tivessem maior alcance à literatura.

Devido às guerras, incêndios e às lavas do Vesúvio², que “limpou” tudo que havia lá, grande parte do conhecimento dali se perdeu.

No fim da era medieval, no século XV, com a prensa de tipos móveis criada por Gutemberg por volta de 1450, proliferou o número de livros, assim barateando e tornando-os mais acessíveis e de fácil circulação. Isso fez com que a biblioteca não fosse mais apenas um símbolo de poder, mas um local para “todos”, rompendo com o modelo anterior de biblioteca.

Com o passar do tempo e com o aparecimento de novas tecnologias no século XIX, a biblioteca, para acompanhar essas inovações, foi exercendo outras funções e criando novos espaços como, por exemplo, a salvaguarda do patrimônio bibliográfico e intelectual e centros de memória. Nos estados modernos foram criadas as Bibliotecas Nacionais, com a finalidade de guarda da produção bibliográfica e promoção de acesso à herança cultural deixada por pessoas de determinado país, contribuindo para a preservação das identidades das nações.

Já no século XX, com o desenvolvimento tecnológico e, posteriormente, com o surgimento da internet nos anos 90, houve o aumento da capacidade da transferência de informação, facilitando o acesso para o usuário, o que deu origem ao nascimento de uma biblioteca – a biblioteca digital – capaz de usar “mecanismos do espaço digital a fim de conseguir acessar as informações necessitadas, em um espaço cada vez mais curto de tempo e a baixos custos” (SANTA-ANNA, 2015).

As bibliotecas, cada qual com sua finalidade, mesmo com uma nova visão, ainda serão locais de memória, serão responsáveis pela memória nacional e institucional, pelo espaço de preservação do patrimônio histórico, intelectual, artístico e literário. Serão o espaço de armazenamento de documentos escritos em diferentes tempos e localidades. Apesar do avanço da tecnologia, do nascimento da biblioteca eletrônica, a biblioteca física não perderá seu papel de guardião do conhecimento, ela ainda será um lugar de

² Vesúvio é um vulcão localizado no Golfo de Nápoles na Itália, é conhecido pela erupção em 79 d.C., que resultou na destruição das cidades de Pompeia e Herculano.

memória que possibilitará o acesso ao passado histórico, e deverá preservar os seus suportes, já que a memória estará registrada neles.

E para que a biblioteca seja reconhecida como um local de memória e história, a memória, dentro desta instituição, deverá ser utilizada e suas informações estejam organizadas e recuperadas e possam ser disponibilizadas para seus usuários de forma que esteja organizada e possa ser disponibilizada adequadamente em seu ambiente, uma vez que, pouco adianta possuir um registro histórico se ele não é bem cuidado, se ele não recebe o tratamento técnico necessário para o acesso.

Nesse processo, torna-se necessário buscar meios para dar visibilidade às bibliotecas como locais de memória, para que as pessoas se reconheçam como parte da história coletiva que foi registrada e conservada nas bibliotecas e tenham interesse em sua utilização, ou até mesmo na sua manutenção. Disseminar informação e apresentar às pessoas o poder informacional de determinado espaço é uma das formas de torná-lo cada vez mais acessível, mais aberto à sociedade, uma vez que, quando não se possui conhecimento sobre o valor de determinado material, não é possível valorizar a sua existência e a sua importância.

2.3 Alguns Aspectos da História do Cinema

Para discorrer sobre a imagem do Bibliotecário e das bibliotecas, serão expostos, neste tópico, pequeno histórico do cinema e a influência que esse meio exerce sobre a opinião das pessoas e como ele contribui para formar a imagem do Bibliotecário.

Em 1895, o registro visual, a princípio criado pelos irmãos Lumière que realizaram uma demonstração em Paris em seu cinematógrafo que possuía imagens animadas da chegada de um trem na estação ferroviária e a saída dos operários de uma fábrica. Apesar dos irmãos Lumière ficarem famosos pela criação do cinema, Costa (2006) afirma que dois meses antes da apresentação de Auguste e Louis Lumière, os irmãos Max e Emil

Skladanowsky fizeram uma apresentação de 15 minutos do bioscópio, um sistema de projeção de filmes em um grande teatro em Berlim. Quatro anos após a exibição dos irmãos Lumière, George Méliès representava cenas históricas recentes e antes de completar vinte anos do nascimento do cinema, o filme histórico era um fator de entretenimento nas telas.

Os primeiros filmes tinham forma de atrações autônomas, que se encaixavam facilmente nas mais diferentes programações [...]. Em sua ampla maioria composta por uma única tomada e integrada a uma eventual cadeia narrativa (MASCARELLO, 2006), era bem simples, filmados ao ar livre e se resumiam aos gêneros de documentário e ficção. No início, os filmes não possuíam áudio, o que hoje conhecemos como cinema mudo.

O cinema pode também ser descrito como uma narrativa construída por intermédio de imagens audiovisuais em movimento, em que, da sua maneira, reconstrói a história da sociedade e dos homens. Pode vir a ser considerado como documento histórico, independente do seu gênero, pois nele são colocadas imagens, discursos, comportamento, artefatos que podem ter sido retirados dos documentos da história real, e também pode ser um mecanismo formador de opinião. Nele pode ser inserido o poder político e econômico, a ideologia e tudo isso com a utilização de imagens, sons, movimento. Então, no início dessa nova mídia, ela tinha o potencial de dar capacidade às pessoas de poder ver o passado, de poder ver a reconstrução daquilo que já foi vivido, ou ter uma ideia do que pode ter se passado em uma determinada época, por meio de textos, de atores e de uma produção cinematográfica.

Com a procura de um novo público, o cinema desenvolveu uma linguagem em que os cineastas buscaram dentro do teatro e no romance o modelo que trouxe para o cinema narrativa e qualidade. Assim, em 1913, foi produzido *O nascimento de uma nação* – o primeiro filme considerado comercial, criado pelo cineasta David Wark Griffith, com base no romance e na peça *The Clansman* de Thomas Dixon³.

³ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nascimento_de_uma_Na%C3%A7%C3%A3o>, acesso em 14 maio 2017

A ascendência do cinema americano veio após a Primeira Guerra Mundial e o declínio do cinema europeu, devido à falta de matéria e de energia na Europa. Como o povo europeu gostava de assistir a filmes, os norte-americanos se aproveitaram desse fator e entraram com o seu cinema no mercado europeu. Por volta da década de 1920, Hollywood se firmou como o principal local de empresas de cinematografia. Foram criados novos gêneros fílmicos. Além dos filmes documentários e de ficção, era possível ver filmes policiais, de terror, comédia, entre outros.

As décadas de 1930 e 1940 foram consideradas a *Golden Age* do cinema, pois os EUA estava saindo da grande depressão da crise de 1929, onde os cineastas usavam seus filmes como uma forma de incentivo para a reconstituição moral da sociedade. Foi nesse período que surgiram os filmes, hoje clássicos, *O Morro dos ventos uivantes*, de William Wyler; *E o vento levou* de Victor Flaming; *Tempos modernos* do Charlie Chaplin; entre outros.

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por filmes com caráter político e com temas que tratavam de violência, produzidos por todo o mundo. *Laranja mecânica*, de Stanley Kubrick; *O último tango em Paris*, de Bernardo Bertolucci; *O poderoso chefão* de Francis F. Coppola, entre outros, foram filmes produzidos nesse período.

O cinema, hoje, como uma indústria cultural, trabalha com o cinema comercial e com o cinema *underground*, em que o primeiro tem o objetivo vender fácil suas produções. Para tanto, os produtores, cineastas e afins utilizam de padrões e estereótipos. O segundo objetivo caracteriza-se pela produção de filmes com valor cultural, visando a atingir um público que irá ao cinema não apenas para ver o filme, mas, segundo Freitas (2003), informar-se sobre o mundo onde quem assiste, projeta, em outro sujeito ou objeto, as qualidades, sentimentos, desejos, medos desconhecidos. Assim, o telespectador, nesse processo, imagina-se no herói ou em outro personagem, colocando-se no lugar daquele que está dentro da tela; ou ele também se identifica com um personagem, ou identificará aspectos semelhantes de um personagem com uma pessoa conhecida. Dessa forma, a vida poderá se

misturar com as imagens, com as experiências vividas dentro de um filme, será “[...] a substituição da realidade pelo espetáculo” (FRIDMAN, [1999])

Oliveira e Colombo (2014) colocam o cinema como uma linguagem artística que nunca aparecerá por si só, mas será conectado a outros sistemas de significações, que são culturais, sociais, perceptivos, estilísticos. Costa (2003) afirma que o “cinema é aquilo que se decide que ele seja em sociedade, num determinado período histórico, [...] numa determinada conjuntura político-cultural ou num determinado grupo social”. Neste estudo, o cinema apresenta características relevantes e será trabalhado como um meio de comunicação que tem a capacidade de influenciar e formar opiniões.

O padrão de organização de imagens e sons criados pela linguagem cinematográfica tem, desde então, influenciado nossas maneiras de conceber e representar o mundo, nossa subjetividade, nosso modo de vivenciar as experiências, de armazenar conhecimento, e de transmitir informações. (COSTA, 2005, p. 17)

O cinema tem essa característica importante de formador de opinião, pois ele é atrativo, é uma forma artística acessível e tem “poder excepcional que lhe advém do fato de a sua linguagem funcionar a partir da reprodução fotográfica da realidade”. Com efeito, com ele, “são os próprios seres e as próprias coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos e falam à imaginação [...]” (MARTIN, 2005, p. 24).

Tais aspectos mostram como o cinema é uma linguagem relevante, já que apresenta particularidades necessárias ao ser humano e à sua maneira de se comunicar, que vão aproximar cada vez mais o telespectador e as produções fílmicas assistidas por ele. Martin (2005, p. 31) evidencia que

O cinema é intensidade, intimidade e ubiquidade: intensidade porque a imagem fílmica, particularmente, o grande plano, tem uma força quase mágica porque dá uma visão absolutamente específica do real e porque a música, pelo seu papel ao mesmo tempo sensorial e lírico, reforça o poder de penetração da imagem, intimidade porque a imagem (ainda devido ao grande plano) faz-nos literalmente penetrar nos seres (por intermédio dos rostos, livros abertos das almas) e nas coisas; ubiquidade porque o cinema transporta-nos livremente

através do tempo e do espaço, porque densifica o tempo (tudo parece mais longo na tela) e sobretudo porque recria a própria duração, permitindo ao filme aderir, sem choque, à nossa corrente de consciência pessoal.

Gonçalves e Rocha (2011) colocam que a cinematografia gera narrativas que vão influenciar e serão influenciadas por uma enunciação que esta vinculada ao momento da produção, à questão histórica e social da obra, assim como todos os responsáveis por ela, seja o produtor ou o espectador. Dessa forma, o cinema é considerado como uma forma de representação da realidade, da maneira de enxergar o mundo e a forma como os indivíduos o enxergam.

2.4 O Bibliotecário

Na busca do entendimento do papel do Bibliotecário no cinema como preservador da memória, este item apresenta algumas considerações sobre o profissional Bibliotecário, sua imagem na sociedade e sua representação no cinema.

2.4.1 O Profissional Bibliotecário

A função de Bibliotecário praticamente nasceu com as bibliotecas, quando surgiu a necessidade de ter uma pessoa responsável pela organização e guarda dos registros. Diderot; D'Alembert (1993 apud HOLANDA; NASCIMENTO, 2013, p. 3) afirmam que o termo "Bibliotecário" surgiu em 1751, quando foi apresentado em um artigo de uma enciclopédia, e conceituado como "aquele que é responsável pela guarda, preservação, organização e pelo crescimento dos livros de uma biblioteca". Cunha e Cavalcanti (2008) definem Bibliotecário como

Profissional que tem a seu cargo a direção, conservação, organização e funcionamento de bibliotecas. 2. Profissional que: a)

desempenha funções técnicas ou administrativas em bibliotecas; b) lida com documentos de todos os tipos [...] com base na especificação de seu conteúdo temático e a serviço de uma variedade de usuários, desde crianças até cientistas e pesquisadores [...] (CUNHA; CALVANCANTI, 2008, p. 53)

O Bibliotecário é o profissional que dá acesso à informação ao usuário. A base de sua função são as técnicas de organização e o tratamento da informação para fácil recuperação e uso. Carvalho (1998 apud HOLANDA; NASCIMENTO, 2013) classifica o Bibliotecário como o profissional da Ciência da Informação que desenvolve as seguintes atividades:

[...] administrativa (planejamento e organização para gerir um bom funcionamento); formação e manutenção do acervo (aquisição e doação de materiais bibliográficos); preparo técnico do acervo (representar e descrever de forma temática o acervo que possui para facilitar sua utilização) e finalmente a atividade de referência. (CARVALHO, 1998 apud HOLANDA; NASCIMENTO, 2013, p. 2)

De acordo com Harrinson (2000), na Idade Média, os livros já eram organizados e guardados por estudiosos que poderiam ser considerados como os Bibliotecários da época. Estes estudiosos que exerciam a função de organizar e guardar os documentos eram os sacerdotes, pois somente eles sabiam escrever. Seu dever consistia em reunir, transcrever, organizar e conservar os documentos.⁴

Com o decorrer dos anos, com a criação das universidades no século XII, que trouxe a oportunidade de criar instrumentos para a organização e recuperação da informação e com o desenvolvimento da imprensa, no século XV, as técnicas de organização e recuperação de documentos e livros passaram a exigir que o Bibliotecário tivesse uma função mais ativa, devido ao aumento da produção informacional.

Durante a Revolução Francesa, no século XVIII, Loureiro e Jannuzzi (2005) declaram que houve quatro fatores que mudaram o profissional Bibliotecário: primeiro, a igreja não possuía mais algum poder legalmente sobre

⁴ Tradução livre da citação de Díaz e Valdés ([2003?]),

as informações que eram produzidas e armazenadas dentro das bibliotecas; segundo, as bibliotecas se tornaram públicas e de acesso a todos aqueles que eram alfabetizados; terceiro, houve especialização na área, uma vez que os usuários vinham até a biblioteca com necessidades informacionais específicas, fazendo com que fosse difícil incluir todos os assuntos das áreas de conhecimento em uma única biblioteca, e quarto, as instituições tentaram trazer os usuários para dentro de suas bibliotecas. A partir disso, o Bibliotecário deixou de ser apenas um guardião de livros para ser também um mediador da informação entre seu acervo e seus usuários.

No século XIX, segundo Becker e Salgado (1998), surge a primeira escola de graduação de biblioteconomia em Paris - École Nationale des Chartes – no ano de 1821. Posteriormente, surgiu a segunda escola de biblioteconomia em 1887 nos Estados Unidos, fundada por Melvil Dewey, que, diferente da escola francesa que trabalhava mais com a preservação de documentos, tinha enfoque tecnicista. Também, no século XIX, Martins (2002, p. 235) descreve que

[...] o estado reconhece o Bibliotecário como representante de uma profissão socialmente indispensável. Nesta segunda fase, o sistema de confiar as grandes bibliotecas a escritores e eruditos, sem formação técnica ainda continua por algum tempo, logo aparecerá, por força da própria especialização, a necessidade de fazer do Bibliotecário um funcionário especificamente treinado para as suas funções

Salgado e Becker (1998) argumentam que a Lei brasileira n. 4.084, de junho de 1962, estabelece que o Bibliotecário pode exercer as seguintes atividades: planejar, organizar, administrar bibliotecas independente de sua natureza, sejam elas bibliotecas públicas, escolares, universitárias; centros, serviços e redes de informação e documentação em empresas, bancos, sindicatos, editoras, arquivos, museus e outras organizações.

Com a explosão da informação e o advento da Internet na década de 1990, o Bibliotecário se tornou o profissional da informação, o que fez com que ele se preocupasse em acompanhar o crescimento informacional e o

avanço das tecnologias da informação e da comunicação. Atualmente, entende-se que um Bibliotecário não atua apenas no espaço físico da biblioteca, ele também trabalha nos meios digitais devido ao uso das tecnologias que trabalham com o serviço de informação.

A partir disso, percebe-se que o Bibliotecário é o profissional que faz análises para tratar, organizar, conservar e divulgar os objetos que armazena. Ele é o profissional que atua na área da referência, setor que vai ajudar o usuário a atender às suas necessidades informacionais, área de processamento técnico que organiza os documentos a fim de facilitar a busca do usuário e da informação, a área de seleção e aquisição que trabalha com o desenvolvimento do acervo, que seleciona os documentos que irão atender melhor a demanda do usuário.

Na conjuntura em que vivemos, as informações se interligam no formato impresso e digital, entre a biblioteca física tradicional e a biblioteca digital. O Bibliotecário também “migrará” para esse novo meio virtual (sem deixar o meio físico), estendendo seu campo de atuação, e aprendendo a trabalhar com novos suportes. O Bureau of Labor Statistics (2000) afirma sobre o profissional Bibliotecário:

Administrador de bibliotecas e executa serviços relacionados a biblioteca, trabalha em uma variedade de locais, incluindo bibliotecas públicas, escolas, universidades, museus, corporações, agências governamentais, escritórios de advocacia, organizações sem fins lucrativos e prestadores de cuidados da saúde. As tarefas poderão incluir seleção, aquisição, catalogação, classificação, circulação e manutenção de materiais; e referência, bibliografia, e serviço de consultoria para leitores. Pode realizar pesquisas estratégicas, e sintetizar, analisar, editar, e filtrar a informação. Pode configurar ou trabalhar em bases de dados e sistemas de informação para catalogar e acessar as informações.⁵ (BUREAU OF LABOR STATISTICS, 2000 apud BORGES, 2010)

De acordo com Rodrigues e coautores (2013), as atribuições do profissional Bibliotecário são variadas e vem mudando, fazendo com que os Bibliotecários tentem se adequar aos novos tempos, substituindo a biblioteca

⁵ Tradução livre

centrada no quesito de disponibilidade, que se baseia no tamanho da coleção, para o modelo centrado na acessibilidade, em que prevalece a conexão com o meio digital.

Portanto, o papel do Bibliotecário, é estar envolvido no meio em que vive, procurando “[...] por meio da facilitação do acesso à informação, possibilitar que os usuários que buscam a informação emergjam na realidade na qual se encontram como forma de transformar a realidade [...]” (MORAES; LUCAS, 2012) para ter capacidade de identificar a necessidade de informação de seu usuário e disseminá-la da melhor forma.

Apesar do Bibliotecário possuir os atributos citados anteriormente em sua formação, a imagem do Bibliotecário perante os seus usuários e a sociedade pode ser bem diferente. A imagem vem da representação que é expressa em um meio comum, por intermédio de pensamentos, compartilhamento, tradições que vão constituir a maneira de comunicação em diferentes grupos. A representação de uma imagem pode ser vista como um processo da construção da realidade. Quando se trata da imagem do Bibliotecário, infere-se que

[...] para a maioria das pessoas biblioteca e o Bibliotecário fundem-se em uma só imagem. Consequentemente o equipamento físico e a aparência da biblioteca, bem como a natureza e a qualidade de seus serviços, são identificados como pessoal que são, por sua vez, os Bibliotecários que atuam na instituição. (MACEDO, 1988, p.36)

A literatura apresentada por alguns autores na área de Biblioteconomia mostra que, a imagem que se tem do Bibliotecário é estereotipada, é negativa. Para a sociedade, o bacharel em Biblioteconomia é traduzido em um Bibliotecário do sexo feminino, de meia-idade, que usa óculos e um coque na cabeça, cuja função, dentro de uma biblioteca, é pedir silêncio, chegando a ser rude com seus usuários.

Percebe-se, pela literatura, que a imagem do Bibliotecário, na maioria das vezes, vai ser daquele profissional mais voltado para o acervo, que

fica limpando os livros. Esta representação não é apenas colocada pelos usuários, mas pelos próprios Bibliotecários que mantêm essa imagem de indiferença, desinteresse e acomodação. Oliveira (1980) atribui esse descaso aos baixos salários, à natureza do trabalho biblioteconômico, além da falta de visibilidade social. Hall (1992 apud RUDOLPH, 2008, p.3) concorda com essa imagem quando coloca que

Na psique pública, um Bibliotecário é uma mulher de idade indeterminada, que usa óculos, uma pessoa com disposição austera, vestindo blusa com mangas compridas abotoada até o pescoço; alguém que ama o silêncio e o sofrimento das pessoas. Os Bibliotecários não riem. Eles são cobertos com uma película fina de poeira [...] ⁶ (HALL, 1992)

O autor ainda afirma que os meios de comunicação tendem a representar o profissional Bibliotecário como

um corpo muito pálido, sincero, geralmente feminino, com óculos (provavelmente aqueles pequenos óculos pela metade), o cabelo dela em um – sim, lá vem – um COQUE, calçando sapatos sensíveis, suspensório, uma saia de algodão grossa, um sueter caído[...] ⁷

Segundo Smit (1982 apud ROCHO, 2007) o Bibliotecário esconde-se atrás de um tecnicismo puro e esquece-se do contexto em que está inserido, não assumindo a responsabilidade que lhe cabe. O campo da Biblioteconomia, como visto anteriormente, é amplo, envolve pesquisa de informação, preservação e conservação, gestão da informação, TICs, serviço de referência. O Bibliotecário será o mediador da informação, auxiliará o seu usuário na utilização de tecnologias, em buscas, entre outras competências, mas os Bibliotecários são “[...] pouco receptivos a mudanças identitárias [...]” (OCHÔA; PINTO, 2006). Percebe-se que o Bibliotecário resiste às mudanças que vêm ocorrendo no campo da Biblioteconomia, gerando uma imagem

⁶ Tradução livre

⁷ Idem

negativa junto aos seus usuários, que por sua vez, vão olhar para aquele profissional de forma estereotipada, distorcendo a imagem do profissional.

Valetim (2002 apud CRIPPA, 2009) considera que “a preocupação com a auto imagem [...] é fundamental para a imagem do profissional na organização em que está atuando”. Alguns estudos que fazem a ligação da autoimagem com o Bibliotecário alegam que essa autoimagem vai depender da forma como o Bibliotecário se apresentará em seu local de trabalho e perante o seu usuário, uma vez que, para o usuário, a aparência, a prestação de serviço, e a atitude irão mostrar o quanto esse profissional se dedica para melhor atender o seu consulente. Se houver pelo lado do Bibliotecário uma falta de interesse por aquilo que ele faz, é esperado que o usuário tenha uma imagem negativa.

Farinas (1973 apud OLIVEIRA, 1980) entende que a realidade do profissional Bibliotecário é desestimulante, pois falta os Bibliotecários terem em mente a ideia de qual é o papel deste profissional, para o que ele existe e o que ele irá fazer perante a sociedade. Assim, o Bibliotecário deve mudar o modo de como a sociedade o vê, mostrar as suas competências, mostrar que ele está ali para auxiliar o seu usuário, deve-se fazer uma imagem importante e necessária.

2.4.2 O Papel do Bibliotecário na Preservação da Memória

Para que se trabalhe com a preservação da memória em torno do profissional Bibliotecário, faz-se necessário, primeiramente, o entendimento do termo preservação.

O termo preservação possui um significado parecido ao termo conservação, e ambos vão se preocupar com a manutenção e a integridade física dos documentos, que podem ser entendidos como qualquer registro de informação, os documentos podem variar desde suportes textuais, cartográficos, iconográficos, filmográficos, sonoros, etc. e esses suportes irão compor as bibliotecas e os arquivos.

Sarmiento (2003) coloca preservação como consciência, mentalidade, política com o objetivo de proteger e salvaguardar o patrimônio. Silva (1998) define preservação de documentos como a ação que salvaguarda ou recupera as condições físicas dos documentos para garantir a permanência dos materiais dos suportes. Cunha (2008), no *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, define preservação como

Medidas empreendidas com a finalidade de proteger, cuidar, manter e reparar ou restaurar os documentos.[...] Conjunto de procedimentos e medidas destinadas a assegurar a proteção física dos arquivos contra agente de deterioração [...] (CUNHA, 2008, p. 290)

Segundo o Instituto Americano de Conservação de Trabalhos Históricos e Artísticos (AIC), o termo preservação vai consistir em proteger os bens culturais por meio de atividades que vão minimizar a deterioração, danos químicos e físicos que impedem a perda do conteúdo informacional e o principal objetivo da preservação é prolongar a existência da propriedade cultural. De acordo com Zúñiga (2002), preservação implica em situar o documento em um “[...] sistema de elementos que determinam seu estado físico [...] que vai desde o documento [...] até o edifício, tudo [...] intermediado pelas condições ambientais”.

Como visto, a preservação é um termo amplo que abrange as ações que podem manter a integridade do documento e manter a sua longevidade. Para esse TCC, o conceito de preservação, será delimitado de acordo com o conceito do AIC e Sarmiento, em que se entende que a preservação é de extrema importância e é uma área que vai tratar do documento mediando os processos que vão garantir a sua estabilidade. Esta preservação vai ser de responsabilidade de arquivo, bibliotecas e centros de documentação para resguardar a memória histórica e cultural de uma Nação.

Trabalhar no campo de preservação talvez seja sempre se questionar como manter o documento preservado para as futuras gerações e dar acesso a estes. Isso vai ocupar “posição de destaque entre os principais problemas Bibliotecários” (HAZEM, 2001, p. 7).

O Bibliotecário, profissional da informação, é também o guardião e o disseminador do conhecimento. Apesar de pouco reconhecido, esse profissional desempenha um papel importante na sociedade, pois é ele que promove o acesso à cultura. É o profissional que constrói métodos para organizar, conservar e divulgar os objetos que armazena.

Uma de suas principais funções é tornar acessível as informações, de maneira que tragam conhecimento ao seu usuário. Dessa forma, o Bibliotecário deve estar preparado para lidar com as mais diversas formas de informação, uma vez que não se sabe como e qual será a maneira que o seu usuário buscará uma informação. Ser um Bibliotecário é ter um vasto campo de atuação.

A preservação da memória pode vir a ser um instrumento do Bibliotecário, no qual ele resgatará o passado, tendo como função guardar e disseminar os fatos que aconteceram, os documentos ou qualquer suporte que lhe sirva como fonte. Dentro da biblioteca, ou de qualquer outra instituição que o Bibliotecário exerça a sua função, se os documentos pertencentes as instituições não tiverem uma organização e um tratamento adequado, a informação contida será desorganizada e se perderá.

Coradi e Eggert-Steindel (2008) listam algumas etapas de preservação que envolvem a higienização do acervo, conscientização dos usuários, a limpeza local onde os materiais se encontram, o manuseio correto das obras; Heffner (2001) cita etapas para a preservação de filmes, como coletar, identificar, documentar, recuperar fisicamente, restaurar técnica e esteticamente, migrar para outros suportes, conservar, catalogar, difundir e disponibilizar para acesso. O desgaste e o envelhecimento dos materiais são inevitáveis, por isso a preservação vai ser uma função constante para os Bibliotecários.

A história e o conhecimento, ao longo do tempo, foram sendo censurados, apagados, ocultados, confiscados. Bibliotecas e documentos foram queimados, eliminados como uma tentativa de destruir vestígios e memórias. Isso aconteceu na Biblioteca de Alexandria, e na Biblioteca de Saravejo. A destruição de vestígios, de memórias.

No atual contexto em que vivemos, a era informacional e seu grande fluxo de informações, que passa por constantes mudanças, os Bibliotecários têm a missão de resguardar a memória nacional do país e disponibilizar seu material para que os usuários tenham conhecimento, devem tratar a informação para ela não se perder e de forma que esteja acessível aos seus usuários. Macedo (2003) argumenta que:

São realizadas [...] atividades que resultam na produção de informação e conhecimento e num incontável número de documentos que se dispersam na organização". O conhecimento institucionalmente organizado compõe uma base importante para a tomada de decisões [...] (MACEDO, 2003)

O Bibliotecário, como um preservador da memória, não irá somente classificar, indexar e arquivar os registros históricos. Além de fazer esse tratamento da informação, deverá cuidar para que esta não se perca e que esteja acessível aos seus usuários, uma vez que o ato de organizar e tratar os registros constitui o início do trabalho do Bibliotecário, Milanesi (2002) afirma que a memória da humanidade, a fim de não ser perdida, deve ser administrada por pessoas especializadas, que possuíssem funções que não somente preservassem a informação, mas também a organizassem de forma que pudesse perfeitamente ser localizada. O autor também coloca que

[...] essa atividade de buscar-o-que-foi-guardado e de guardar-o-que-foi-registrado (e de registrar-o-que-foi-imaginado) é a forma possível para manter viva a memória da humanidade, forma essa em constante aperfeiçoamento. (MILANESI, 2002, p. 9)

É necessário que os Bibliotecários se conscientizem, vejam a importância da preservação dentro da biblioteca e procurem as melhores formas para que as gerações posteriores tenham a possibilidade de continuar a passar a história da humanidade em uma constante busca para a melhoria do futuro.

Algumas atividades, como montagem de exposição, confecção de livros, recursos digitais e de informática, podem ser uma forma para contribuir com a preservação da memória. Como existem documentos que não podem ser ou ficar muito tempo em exposição, que devem ficar em locais adequados, a digitalização poderá ajudar na mediação entre a informação ou documento e o usuário. Ter um documento histórico disponibilizado em forma digital dará uma liberdade ao usuário para utilizá-lo da forma que for melhor.

Recentemente, a Biblioteca Apostólica Vaticana, que tem uma filosofia de “Tap once the manuscript to store and disseminate free of this heritage to future generations”⁸, está com um projeto de digitalização, que tem como ideia central explorar a tecnologia atual de maneira benéfica, de forma que se tenha oportunidade de refletir sobre o passado, olhando para o futuro e ampliando os conhecimentos históricos para que eles sejam acessíveis para maior parte da população, além de certa preocupação com a conservação do acervo, pois por meio do acesso digital, os riscos de deterioração devido ao manuseio a esses materiais provavelmente diminuirão.

Em uma entrevista retirada do site O Globo⁹, Monsenhor Cesare Pasini, sacerdote, Bibliotecário e prefeito da biblioteca, compreende esse projeto de digitalização como uma forma de ampliar a conservação e a difusão do conhecimento a serviço da cultura em todo o mundo.

A Biblioteca do Senado de Brasília, com algo similar à BAV, lançou a coleção digital de Obras Raras contidas na biblioteca, onde estão inclusos livros sobre a história do Brasil, livros sobre o Senado, as constituições, os governos brasileiros, a escravidão e a Guerra do Paraguai. O projeto para a digitalização desses materiais foi feito para permitir que as obras que, no meio impresso, são consultadas apenas no local e com a supervisão de um Bibliotecário, sejam consultadas pela Internet, sem o risco de danificar o documento original, uma vez que estarão disponíveis aos usuários por intermédio de um arquivo de imagem.

⁸Toque uma vez o manuscrito para a armazenagem e a livre disseminação deste patrimônio para as gerações futuras (tradução própria).

⁹<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/biblioteca-do-vaticano-digitaliza-manuscritos-antigos-que-ficarao-livres-para-consulta-gratuita-14332255>

Os Bibliotecários participantes desse projeto do Senado ressaltam também a importância dessa digitalização, sob o ponto de vista da preservação e acesso ao acervo de obras raras.

Dessa forma, percebe-se que preservação da memória por meio de um Bibliotecário será importante para manter a história conservada e transmitida para as gerações posteriores, assim como coloca Arantes (1989, apud. OLIVEIRA, 2011).

[...] através dos objetos conservados e transmitidos às gerações posteriores, se estabelece um contato físico, afetivo, sensorial e cognitivo tanto com o passado, enquanto lugar de acontecimentos ancestrais, como os significados que se foram imprimindo a esses objetos ao longo do processo histórico. Desse modo, através da transmissão hereditária e das várias formas de reapropriação [...], criam-se laços com o passado e se dá substância concreta ao que denominamos tradição.

Um Bibliotecário como preservador da memória, além da função de preservação, deverá divulgar a história por intermédio dos documentos que compõem a sua biblioteca, sendo necessário organizar, disponibilizar e recuperar a informação.

2.4.3 A Imagem do Bibliotecário no Cinema

O cinema, assim como outros meios de comunicação de massa, pode desempenhar o papel de formador de opinião e de imagem que manipula, inconscientemente ou não, a opinião do espectador. Por intermédio desse meio de comunicação, pode ocorrer que a imagem do Bibliotecário como preservador da memória tenha uma imagem no pensamento de quem está assistindo o filme e crie uma imagem, assim também nasce uma repercussão dessa imagem na sociedade.

A pesquisa¹⁰ utilizada como base neste trabalho, mostra que o Bibliotecário retratado no cinema é bem estereotipado, de forma negativa e de

¹⁰ROCHO, R. de M. **O estereótipo do Bibliotecário no Cinema**. Trabalho de Conclusão de Curso.

forma positiva. São retratados os dois gêneros: masculino e feminino, o que pode interferir na imagem que a sociedade tem desse profissional.

Estereótipo é um termo que se origina do grego *stéeros*, que significa “sólido e firme” e *túpos*, que significa “molde, modelo”. Segundo Lysardo-Dias (2007), o termo “estereótipo” denomina, inicialmente, a placa gravada sobre o metal para a impressão de imagens e textos por meio de prensa tipográfica, ou seja, um modelo fixo que não sofria muitas alterações.

Os estereótipos, segundo Baptista ([2004]), geralmente, são negativos, porque eles tendem a ser estabelecidos por um grupo para demonstrar poder sobre um outro grupo. Os estereótipos positivos são colocados com menos frequência e são menos polêmicos.

Rocho (2007) afirma que é muito comum que o estereótipo se torne uma verdade no inconsciente das pessoas, principalmente porque os meios de comunicação utilizam-se deste recurso para facilitar a identificação de seus produtos ou personagens. Muitos estereótipos são passados de geração a geração, não sendo questionados sua origem ou seus motivos.

A maioria dos filmes que apresenta um Bibliotecário mostra uma imagem similar da mulher Bibliotecária de maneira negativa. Yanes (2002) define as características representadas dessa profissional como:

Mulher de média ou maior idade, pouco atraente, com óculos [...] e às vezes monóculos, expressão preocupada e o rosto sério, veste com longos vestidos conservadores, sapatos clássicos e meias, saia de tweed e o gesto típico pedindo para fazer silêncio.¹¹ (YANES, 2002, p.120)

Além das imagens citadas acima, acrescenta-se que, nos filmes, o lado positivo da Bibliotecária é apresentado conforme Silva (2006) e Yanis (2002) com características atrativas sem óculos, elegantes, eficientes, simples e inteligentes.

Essa visão que se tem da Bibliotecária, segundo Rocho (2007) resultou do ingresso da mulher no mercado de trabalho. Havia cargos na biblioteca, que era um local que não precisava de tanto esforço físico e a remuneração era baixa. Para os padrões da época, isso era função de mulher. Quando ocorreu a crise econômica em 1930 nos Estados Unidos, as mulheres

¹¹ Tradução livre

casadas foram proibidas de trabalhar, assim, as que continuaram trabalhando foram vistas como velhas solteironas como uma forma de “punição” por elas terem escolhido trabalhar e não ficar em casa, ocupadas com atividades domésticas.

No cinema, a imagem masculina do Bibliotecário é menos retratada que a imagem feminina, mas também ressalta pontos positivos e negativos. Yanes (2002) descreve que a imagem retratada é de um profissional calvo e com óculos, malvestido, descuidado com suas roupas, solteirão, desconfiado, sensível, mal-humorado e cruel, completando por Walker e Lawson ([199?]), que apresenta como tímido, pobre e respeitável. Essa imagem apresenta ao público um Bibliotecário velho, ou “nerd” magrelo. Lemaitre (1982) cita que o Bibliotecário é representado como uma pessoa solteira nos filmes para fazer referência aos monges da idade média que exerciam a função de Bibliotecário, e por serem monges não poderiam se casar ou ter algum tipo de união com uma mulher.

A imagem positiva do Bibliotecário que o cinema irá mostrar é de um profissional que descrito por Yanes (2002) é sábio, uma autoridade, símbolo dos melhores valores sociais, com conhecimentos da história local.

O TCC apresentado por Rocho (2007) evidencia como os filmes cinematográficos apresentam a imagem do Bibliotecário, que também será um pouco abordado neste trabalho. O autor percebe que na imagem retratada do Bibliotecários predomina um estereótipo negativo.

2.5 Representação da Informação Fílmica

A representação da informação ocorre de algumas formas no âmbito da Ciência da Informação, em vários processos relacionados à informação registrada, da produção documental e organização até o acesso às informações (ALVARENGA, 2003).

Cordeiro (1996) supõe que “ainda não detém conhecimento do processo articulado de geração e fluxo das informações sobre filmes, desconsiderando também a sua forma e o conteúdo”. A autora destaca a necessidade de critérios de leitura e interpretação da informação fílmica. A

autora também, em seu artigo intitulado *Informação Cinematográfica e textual: da geração à interpretação da representação de imagem e texto* coloca os filmes como itens de análise, que podem dar respostas a diferentes questões, “tendo como fundamento um arcabouço teórico e a aplicação e o desenvolvimento de teorias e disciplinas de cinema”.

Os autores Aumont e Marie (1988) consideram o filme como uma forma artística independente, com capacidade de gerar um texto fundando seus significados em estruturas narrativas, formas visuais e sonoras que vão produzir um efeito particular sobre a pessoa que vai assistir ao filme.

Os filmes cinematográficos possuem várias correntes e tendências que foram sendo desenvolvidas ao longo dos tempos. A maneira como os Bibliotecários são representados nessa mídia podem nos informar como a sua imagem é ou era percebida na sociedade. “Um filme jamais é isolado. Participa de um movimento ou se vincula mais ou menos a uma tradição” (VANOYE; GOLLOT-LETÉ, 1994, p. 24).

Também segundo Vonoye e Goliot-Lété (1994) fazer uma análise de um filme ou de parte dele é

antes de mais nada, [...] decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem “a olho nu”, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se [...] do texto fílmico para “desconstruí-lo” e obter um objeto um conjunto de elementos distintos do próprio filme.

Os autores também descrevem que, em um segundo momento, são estabelecidos elos entre os elementos isolados “para fazer surgir um todo significante”, que é a reconstrução do filme ou fragmento. Essa reconstrução não é uma realização concreta do filme, é uma ficção, uma criação assumida pela pessoa que irá fazer a análise do filme.

Cordeiro (2006) descreve que os critérios de análise vão permitir que um profissional da informação conheça diversos padrões de análise e de

interpretação da forma e do conteúdo dos filmes, que são colocados de acordo com o corte, do ponto de vista dado pelo analista de cinema.

Roncaglio e Manini (2016) apresentam que relacionado a documentos e as fontes imagéticas, as concepções da realidade e verdade começam a ser questionadas e passam a ser vistas como representações, e conseqüentemente, leituras que poderão ser passíveis de várias interpretações. Completa-se a ideia com Kornis (2008), quando este afirma que

no contexto de abertura da história para novos objetos, os filmes “[...] passavam, a ser encarados como fontes preciosas para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores e das ideologias de uma sociedade ou de uma dada época.”

Kornis (2008 apud RONCAGLIO e MANINI, 2016, p. 57 e 58)

Roncaglio e Manini (2016), com base em Kornis (2008), apresentam alguns tópicos que podem ser abordados nos filmes:

- O filme como obra de arte, em que cada diretor deixa a sua marca na obra produzida, de maneira que se caracterize um filme seu a partir de fatos comuns em sua produção;
- Análise semiológica¹² do filme;
- Análise estética, onde também se apresenta a marca do diretor, de uma escola de cinema ou de um período; narrativas que possuem *flashback*, filmes de baixa iluminação ou de tom pastel; com sequências longas etc.;
- Relação com a história do cinema, que aborda o filme em um caminho da história do cinema;
- Relação do filme com a sociedade que o produziu e que irá utilizá-lo.

Percebe-se que há possibilidade de fazer estudo cinematográfico em diversas representações, mas a análise, a interpretação fílmica abordada aqui se trata de filmes em que, de alguma forma, são representados, Bibliotecários

¹² Segundo Roland Barthes, análise das definições que são atribuídas às situações sociais tidas como sistemas de significação; estudo de imagens, dos gestos, dos costumes, das tradições etc.

e a sua importância social como preservadores da memória, onde pode-se trazer reflexões sobre como é vista sua postura como profissional e seus serviços.

3 METODOLOGIA

Este tópico apresenta os métodos e os procedimentos para o desenvolvimento desta análise. De acordo com Demo (1985, p. 19), metodologia refere-se a como “cuidar dos procedimentos, ferramentas e caminhos”. A abordagem utilizada é de natureza qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO; 2001, p. 21)

Este estudo consiste em análise qualitativa com base na representação do objeto de análise. O objetivo deste trabalho é analisar como é construída a imagem do Bibliotecário, no cinema, como preservador da memória.

Para realizar os procedimentos metodológicos, delimitou-se o que é população e a amostra do presente trabalho. Gil (2002) explica população como “[...] o número total de elementos de uma classe. Isso significa que uma população não se refere exclusivamente a pessoas, mas a qualquer tipo de organismos [...]” e a amostra foi definida como uma parte representativa dessa população. Este estudo tem como população os filmes que retratam o profissional Bibliotecário, e, como amostra quatro filmes escolhidos para análise.

Os quatro filmes selecionados retratam o Bibliotecário ou alguém com as funções de um Bibliotecário e suas atribuições como preservadores da memória.

Os filmes foram retirados do índice *Librarians In The Movies An Annotated Filmography*, de Martin Raish da Universidade Brigham Young. São

eles: *Fahrenheit 451*, *O Nome da Rosa*, *A Máquina do Tempo*. O filme “*Ágora*” não está incluso nesta lista e foi, posteriormente, incluído por nós. Ele foi apresentado na disciplina “História dos Livros e das Bibliotecas”. Foi inserido em nossa amostra por se tratar da biblioteca mais importante da história, que reuniu milhares de rolos de papiros formados de memória. Não se pode falar de bibliotecas e de preservação da memória sem abordar a grande Biblioteca de Alexandria.

Os filmes foram analisados no intuito de evidenciar como a imagem do Bibliotecário com essa função é construído através da linguagem cinematográfica.

Utiliza-se a pesquisa documental e bibliográfica como procedimento.

Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica é

[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Foram realizadas pesquisas em livros, artigos, teses, dissertações, tanto em meio impresso como digital. A pesquisa documental é semelhante à pesquisa bibliográfica, apresentando diferença na natureza das fontes. Conforme Gil (2002, p. 45) “A pesquisa se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico”.

No caso deste estudo, os documentos, foram os filmes que escolhemos e, posteriormente, analisamos. Tais obras cinematográficas foram selecionadas de acordo como uma exigência: a presença de um personagem que retrata um Bibliotecário ou algum outro personagem que trabalhe com a preservação da memória.

O método de coleta de dados utilizada é a observação sistemática, conforme apresentado por Cunha:

O observador conta com recursos de controle, podendo, por conseguinte, dar estruturação ao processo de observação. Destina-se comprovar hipóteses causais, à manipulação de variáveis

experimentais, à descrição e explicação sistemática dos fenômenos, processos e problemas. Pressupõe delimitação do problema a estudar, assim como a proposição de hipóteses de trabalho e de variáveis (CUNHA, 1982, p. 13).

Já a análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo, conforme Chizzoti:

Uma dentre as diferentes formas de interpretar o conteúdo de um texto que se desenvolveu, adotando normas sistemáticas de extrair os significados temáticos ou os significantes lexicais por meio dos elementos mais simples de um texto. Consiste em relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou ideias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor (CHIZZOTTI, 2006, p. 114).

Para realizar a análise, separamos os filmes em tópicos, e em cada tópico foi inserido o cartaz de apresentação e a sinopse do filme, seguido da contextualização da narrativa, pelo tempo e a imagem correspondente à sequência escolhida, a análise do filme e, por fim, a explicação sobre a presença, ou não, de Bibliotecários como preservadores da memória.

4 ANÁLISE DE DADOS

Uma análise dos filmes cinematográficos permite nos mostrar as características que são atribuídas aos Bibliotecários, e mostra ao público imagens reais ou que podem ser idealizadas.

Jules Prown considera que objetos (imagens) incorporam e refletem crenças culturais. Isso significa que o processo de análise de uma imagem orienta-se de forma a compreender como a cultura está expressa ali: além da obviedade de consistir em uma produção humana, o que basta para caracterizá-las como produtos culturais, as imagens refletem por si e em si, naquilo que mostram e não mostram, as articulações sociais, políticas, de gênero, religiosas, entre outras, da sociedade em que foram produzidas (PROWN, 1982 apud REIS, 2014, p. 2).

Entre a lista de filmes que oferecem a imagem do profissional Bibliotecário, foram selecionados os filmes que apresentam o Bibliotecário na função de preservação, ou um personagem que tem esta função.

Foram assistidos aos filmes para definir as sequências a serem analisadas. Primeiro, foi apresentada uma ideia geral do ocorrido na cena para explicar o contexto. Logo após, detalhes da passagem escolhida.

Após a realização da análise do filme, com a utilização de fatores como falas, interpretação, entre outros tópicos relacionados ao contexto, que contam com a apresentação de características e mostram o Bibliotecário em um serviço de preservação.

4.1 Fahrenheit 451

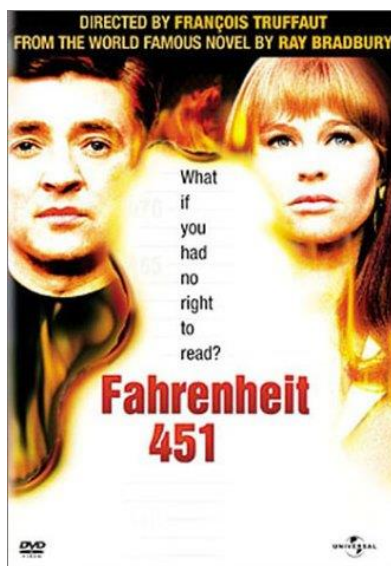


Figura 2: Cartaz de Fahrenheit 451

Fonte: Google

Sinopse: Em um Estado totalitário em um futuro próximo, os bombeiros têm como função principal queimar qualquer tipo de material impresso, pois foi convencido que a literatura é propagadora da infelicidade. Mas Montag (Oskar Werner), um bombeiro, começa a questionar tal linha de raciocínio quando vê uma mulher preferir ser queimada com sua vasta biblioteca ao invés de permanecer viva.

O Filme Fahrenheit 451 do cineasta François Truffaut é uma adaptação do livro com o mesmo título escrito por Ray Bradbury, onde a história se passa em um futuro formado por uma política totalitária e, dentro desse totalitarismo, os livros são proibidos. Independente do seu gênero, do

seu autor, quem possuísse qualquer tipo de obra poderia ser preso. O governo repressor, para impedir que as pessoas lessem, estabelece que os bombeiros queimem todos os livros encontrados. As pessoas que habitam nesse futuro opressor vivem vidas vazias, sem imaginação, sobrevivem cercadas pela televisão.

Sequência 1: 00:05:20/00:05:34



Figuras 3 e 4: queima de livros

Fonte: Fahrenheit 451

No início do filme, quando os bombeiros estão prestes a queimar um amontoado de livros, uma obra cai no chão, uma criança pega essa obra para folhear e um dos bombeiros olha para essa criança com desaprovação. O pai, então, retira o livro das mãos do garoto e joga novamente o livro na pilha para a queima. Essa cena retrata o que será abordado em todo o filme: a ignorância humana que destrói o conhecimento.

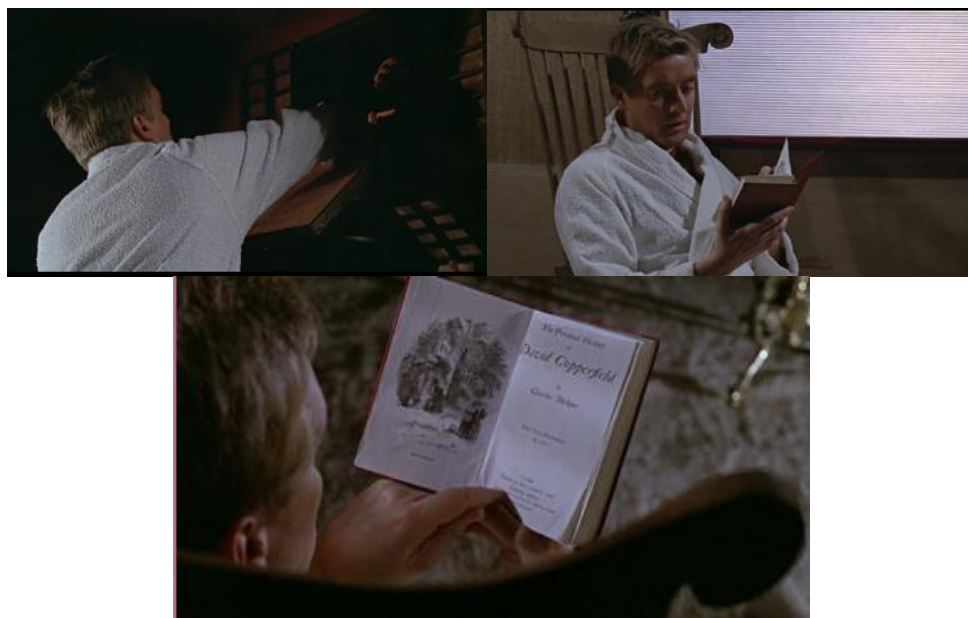
A censura [...] de qualquer tipo, é o corolário de todo poder, e a história da leitura está iluminada por uma fileira interminável de fogueiras de censores, dos primeiros rolos de papiro aos livros de nossa época (MANGUEL, 1997, p. 315).

Lembramo-nos dos regimes totalitários que ocorreram durante a formação da humanidade até os dias de hoje, em que uma das práticas mais comuns era a proibição, a censura e a destruição dos livros que “incomodavam”. Nabonassar no século VII a.C apagava as memórias destruindo os registros que pudessem ser encontrados na Babilônia. No século XX, a ditadura de Hitler fez com que desaparecessem grandes obras. Coleções foram destruídas por enchentes, bombardeios, insetos bibliófagos, ou por

simplesmente descaso e abandono. Coleções, que possuem projetos de microfilmagens e digitalização foram destruídas, a exemplo de coleções inglesas e americanas nas décadas de 1970 a 1990 (Chartier, 2002, p. 28-29).

Montag, um dos personagens principais da história, inicia como um dos bombeiros que realiza as queimas dos livros e que acreditava que eram “uma grande bobagem”, “perturbam as pessoas, deixam-nas antissociais” que “fazem as pessoas infelizes”. Acreditava que o dever dos bombeiros era destruir o conhecimento. Montag morava com sua esposa Linda, viciada em televisão e remédio para dormir. Um dia, voltando do trabalho, Montag encontra com a sua vizinha Clarisse, uma jovem que possui gosto pelas tradições antigas, por conhecimentos vindos de livros; que, com perguntas, questiona algumas coisas a ele, o que fará com que ele “saia” da sua zona de conforto. Os encontros que vão acontecendo com a sua vizinha, fazem com que ele mude a sua forma de pensar, até que em uma de suas buscas de livros escondidos para destruí-los, Montag rouba um livro para si e, a partir disso, ele começa a roubar livros e levá-los para casa.

Sequência 2: 00:37:24/00:38:30



Figuras 5-7: Montag pegando um livro escondido para leitura
Fonte: Filme Fahrenheit 451

Nesta sequência, Montag começa a ler David Copperfield, um romance de Charlie Dickens. Como uma criança que está aprendendo a ler,

Montag visualiza a capa do livro, a folha de rosto e as páginas do texto. Montag cita o primeiro parágrafo do livro, onde relata o nascimento de David Copperfield. Parece que, ao ler aquele livro, vai nascendo um novo Montag. “*Tenho que ler, tenho que pôr em dia as lembranças do passado*”, diz Montag a Linda. Sua busca pelo passado vai fazer com que ele leia biografias, romances, enciclopédias etc. Flagrado por sua esposa, Montag argumenta que os livros eram a sua família, assim como os personagens da televisão eram os familiares dela.

Sequência 3: 00:56:21/01:06:31



Imagens 8-11: Montag e o corpo de bombeiro queimando o grande acervo da biblioteca secreta de uma senhora
Fonte: Filme Fahrenheit 451

Montag acompanhando uma das missões dos bombeiros à casa de uma senhora que os recebe antecipando o serviço deles. Ela mesma ateando fogo aos livros de sua biblioteca secreta e em si mesma, o que deixou Montag perplexo, pois foi um ato de “defesa” ao seu acervo. A próxima casa a ser invadida é a de Clarisse, que, felizmente, consegue fugir. Depois de algum tempo, Clarisse se encontra às escondidas com Montag, que conta sobre a existência das “pessoas-livros”, que se dedicam a preservar, em suas memórias, o conteúdo de livros, assim todo o conhecimento humano poderá ser passado à diante; e Clarisse decide se juntar a eles.

Sequência 4: 1:33:52/1:52:29



Imagens 12-15: Fuga de Montag e o encontro com as pessoas-livros
 Fonte: Filme Fahrenheit 451

Linda, por estar descontente com Montag, denuncia o marido para o Corpo de Bombeiros, que vai atrás dele. Montag acaba lutando com o capitão dos bombeiros e o mata. Após o ocorrido, Montag foge e vai buscar abrigo na comunidade das “pessoas-livros”, em que todos os livros são livres do estado totalitário e do esquecimento, e Montag tem a oportunidade de conversar com “obras clássicas”, que vão repassando o conteúdo das obras de geração para geração, oralmente, mantendo-as preservadas.

O filme não possui um profissional Bibliotecário, mas Clarisse e as “pessoas-livros” terão um papel similar ao deste profissional. O filme, apesar de ser de 1967, retrata um pouco da realidade em que vivemos, onde os livros, na maioria das vezes, são substituídos pela televisão. Descreve também o que já havia acontecido no passado, o regime totalitário, o impedimento de leitura de livros, pois quem lesse iria despertar uma reflexão, um questionamento, o que causaria “problemas” para o governo. Com isso nasce o advento da censura de livros, a destruição de livros e com eles a destruição da memória e a falta de liberdade de pensamento. Surge a necessidade de preservar a memória e o conhecimento pela “clandestinidade” por um grupo de pessoas, que vão repassando o que sabem, os livros que leram por meio da tradição oral.

O filme mostra bem um dos atributos de um Bibliotecário, que, além da preservação de livros, defende a memória e o conhecimento produzidos

pelas diversas culturas, suas visões sobre mundo, sua história e as possibilidades de construção de uma humanidade.

4.2. O Nome da Rosa

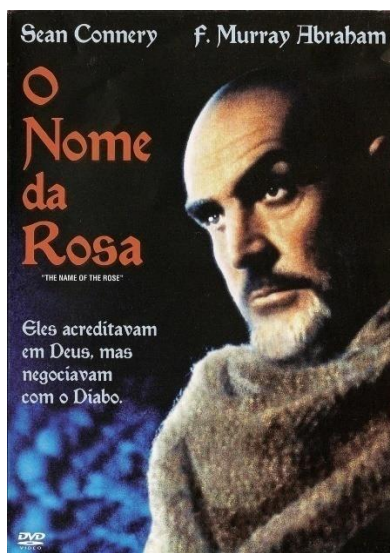


Figura 16: Cartaz do filme

Fonte: Google

Sinopse: Em 1327, William de Baskerville (Sean Connery), um monge franciscano, e Adso von Melk (Christian Slater), um noviço, chegam a um remoto mosteiro no norte da Itália. William de Baskerville pretende participar de um conclave para decidir se a Igreja deve doar parte de suas riquezas, mas a atenção é desviada por vários assassinatos que acontecem no mosteiro. William de Baskerville começa a investigar o caso, que se mostra bastante intrincado, além dos mais religiosos acreditarem que é obra do Demônio. William de Baskerville não partilha desta opinião, mas, antes que ele conclua as investigações, Bernardo Gui (F. Murray Abraham), o Grão-Inquisidor, chega no local e está pronto para torturar qualquer suspeito de heresia que tenha cometido assassinatos em nome do Diabo. Como não gosta de Baskerville, ele é inclinado a colocá-lo no topo da lista dos que são diabolicamente influenciados. Esta batalha, junto com uma guerra ideológica entre franciscanos e dominicanos, é travada enquanto o motivo dos assassinatos é lentamente solucionado.

Sequência 1: 00:16:59/00:17:26



Figuras 17 e 18: Bibliotecário traduzindo um livro grego para o Latim

Fonte: Filme O Nome da Rosa

O Nome da Rosa é um filme de 1986 do cineasta Jean-Jacques Annaud e foi baseado na obra de Umberto Eco. A história se passa em uma abadia italiana no final de 1327 e vai abordar sobre uma investigação de um assassinato em série e vai contar a história dos monges dessa abadia e dos livros e de sua biblioteca.

O Bibliotecário neste filme é apresentado como um cuidador de livros medieval, um guardião da memória que não possibilitava aos leitores o acesso a textos considerados impróprios. Esse cuidador de livros era o clérigo, uma vez que a maioria das bibliotecas se encontravam em instituições religiosas. A figura do Bibliotecário do filme traz consigo a imagem do guardião da informação.

O cuidador de livros, o Bibliotecário, tanto no filme, quanto na obra de Umberto Eco, é visto e descrito como uma figura retraída, fechada, que guarda segredos, uma pessoa que protege incondicionalmente os livros.

Somente o Bibliotecário recebeu o segredo do Bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante – Bibliotecário de modo que a morte não o surpreenda, privando essa comunidade desse saber [...] Somente o Bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente ele é responsável pela sua conservação [...] somente o Bibliotecário sabe da colocação do volume, do grau de sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdade ou de mentiras o volume encerra. Somente ele decide como, e deve fornecê-lo ao monge que está o requerendo [...] (ECO, 2003, p. 44)

Sequência 2: 00:26:46/00:27:52



Figuras 19-23: Visita do Frei William à Biblioteca
Fonte: Filme O Nome da Rosa

Frei William Baskerville pede ao monge Bibliotecário emprestado dois livros utilizados pelos frades que foram mortos. Percebe-se a representação de como eram as bibliotecas na Idade Média, utilizada por monges copistas, que faziam cópias de livros com iluminuras. Percebe-se também, que os livros têm o valor de um objeto precioso. Dado o contexto histórico em que é retratado a obra, onde os livros eram manuscritos de luxo, não possuíam circulação, eram somente produzidos para o palácio, laicos ou eclesiásticos, devido a isso, o Bibliotecário acaba tornando o livro um objeto sem acesso, que deve manter-se fora do alcance das pessoas, e cabendo somente ao Bibliotecário a decisão se o livro pode ser emprestado ou não.

Sequência 3: 00:59:28/01:02:30



Figuras: 24-27: Freis William e Adson conseguem entrar no acervo da Biblioteca
Fonte: Filme O Nome da Rosa

Em se tratando da biblioteca, ela tem sob sua guarda toda a memória do mundo, é organizada de forma que não dê acessibilidade, os livros são registrados e organizados nas prateleiras em ordem de aquisição, o que vai causar uma dificuldade para encontrar os registros. É um sistema fechado para apenas o Bibliotecário conhecer e buscar a informação desejada. Existe uma dualidade, que de um lado, representa um lugar de memória e por outro, a destruição da memória, pois existe a censura e a queima de livros (Inquisição).

Frei William de Baskerville e Adson Melk, investigam as mortes misteriosas, sem saber que elas estão ligadas particularmente a uma obra do acervo da biblioteca do mosteiro – um livro de Aristóteles – que está escondido em um dos armários da biblioteca. Cabe ao Bibliotecário defender esse livros, não somente do ser humano, mas também da ação do tempo, agentes físicos e biológicos causadores da deterioração dos documentos.

Tendo um olhar dentro da biblioteconomia, tem-se a figura do Bibliotecário da Idade Média que era responsável pela organização e salvaguarda do acervo da biblioteca, que foi concebido ao longo dos tempos. Os bibliotecários da Idade Média possuíam um perfil religioso, com formação “[...] voltadas para a cultura, para a educação, para o saber, para o conhecimento, tendo características que permitiam incluí-los como segmentos

direcionados para atender necessidades no âmbito do espírito do homem”. (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p.45).

4.3 The Time Machine (A Máquina do Tempo) – 2002

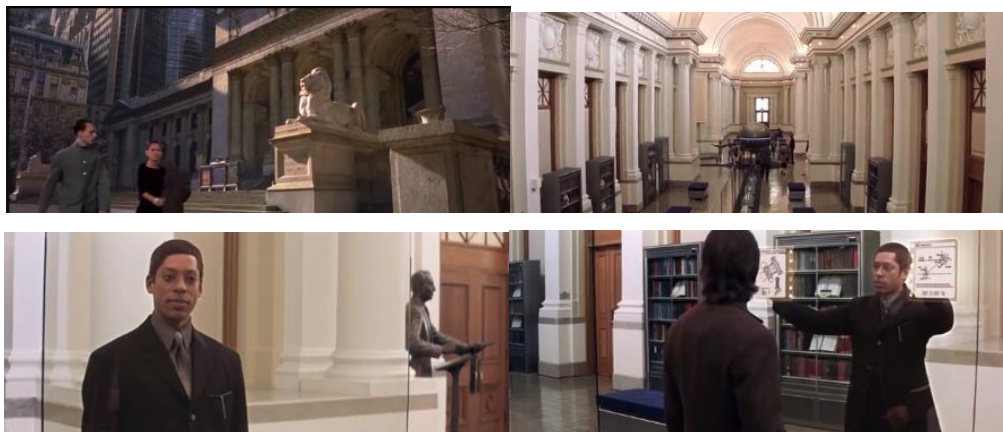


Figura 28: Cartaz do Filme

Sinopse: Alexander Hartlegen (Guy Pearce) é um cientista que acredita piamente que seja possível viajar no tempo. Após o assassinato da sua namorada Emma (Sienna Guillory), ele decide então passar da teoria à prática e consegue construir uma máquina do tempo. Só que, ao testá-la, Alexander viaja mais de 800 mil anos rumo ao futuro, onde encontra o planeta Terra sendo dominado por duas raças distintas: os Morlock e os Eloi.

O filme dirigido por Simon Well e Gore Verbinski é uma adaptação da obra literária de HG Wells, que conta a história que se passa em Nova York, em 1895.

Sequência 01: 00:29:29/00:32:58



Figuras 29-32: Alexander visita a biblioteca
 Fonte: Filme A Máquina do tempo

Depois de descobrir que mudar o passado não modifica o efeito do evento, Alexander resolve ir para o futuro atrás de respostas; sua primeira viagem é para 20 de maio do ano de 2030, um futuro não muito distante do atual e bem parecido com que hoje é vivenciado. Para fazer a sua busca, Alexander entra no prédio que se trata da biblioteca pública de Nova York em busca de informações a respeito de livros que relatem experimentos sobre máquinas do tempo.

A visão que se tem da biblioteca é de um local com uma arquitetura neoclassicista, assemelha-se um pouco com o prédio do Congresso Americano, bem tradicional, e aparenta estar vazia, contendo apenas alguns livros dentro de armários fechados que parecem mais um “enfeite” para mostrar que aquele local é uma biblioteca, também percebe-se, dentro da biblioteca, várias placas de vidro. Nelas, aparece a imagem holográfica Vox, um Bibliotecário negro, com roupas formais que é conectado a uma unidade informativa de bibliotecas, ligada a todos os bancos de dados do planeta. Ele é uma compilação de todo o conhecimento humano, e tem a mesma lógica dos denominados estoques de informação de uso imediato (BARRETO, 1994). Ou seja, uma imagem de holograma organizado de forma racional, estruturando-se tecnicamente em torno das atividades que são pertinentes à organização e ao controle informacional. Como um repositório de dados, Vox, além de armazenar a informação, trabalha com todos os atributos necessários para atender o usuário: seleção, classificação, referência e preservação.

Após Alexander não conseguir o que ele procurava, ele avança mais de 800 mil anos. O planeta Terra foi destruído, em um desastre que fez com

que a Lua se fragmentasse em explosões. Depois de um processo de regeneração, a Terra é habitada por duas raças, os Elois que tem o aspecto similar ao ser humano e os Morlocks que são monstros que vivem em locais subterrâneos e se alimentam de Elois.

Sequência 2: 1:01:51/1:05:56



Figuras 33-36: Biblioteca destruída pela ação do tempo
Fonte: Filme A Máquina do Tempo

Alexander, querendo entender o que aconteceu depois do desastre da Lua, vai até um local que, dizem os Elois, é habitado por fantasmas. Para a surpresa de todos, é um local que sobreviveu a anos e anos de destruição, que é a biblioteca e seu Bibliotecário robotizado Vox, com cabelos grisalhos, usando óculos, e com um lapso de informação devido à falta de preenchimento pelos fatos que aconteceram depois que a raça humana “desapareceu” e nasceu a raça dos Morlocks e Elois. Solitariamente aprisionado nos restos da biblioteca, sobreviveu graças às fontes inesgotáveis de reservas de energia. Toda a informação, toda a memória guardada naquela biblioteca e naquele Bibliotecário se mantiveram intactas, mesmo com os livros destruídos devido ao tempo e às condições que eles passaram. Vox diz que cada um foi preservado em sua memória para que não se perdesse. Percebe-se que Vox é a memória de um passado que todo se perdeu, e que é desconhecido dos Elois.

Sequência 3: 1:27:19/1:27:35



Figura 37: Vox narrando histórias aos Eloi
Fonte: Filme A Máquina do tempo

Após a destruição da máquina do tempo e a derrota completa dos Morlocks, o tempo e local para a raça Eloi foram restaurados, a reconstrução da memória da raça anterior a deles, com o auxílio do Bibliotecário “artificial” Vox exercendo a função de preservador da memória, no local de ruínas feitas de logotipos da cultura humana, onde ele narra aos Eloi uma das histórias que estavam guardados em seu banco de dados. Poderia ser muito bem, uma história literária, um fator histórico, história sobre a formação do mundo etc., subsidiando a construção da memória dos novos tempos.

Ali, mostra-se a importância do Bibliotecário e das bibliotecas. Depois de milhares de anos, onde tudo se perdeu e se reconstruiu, Vox transmite as informações guardadas em seu banco de dados por meio da memória, possibilita reviver os eventos pela memória-vivida que ocorre com a transmissão do conhecimento de forma oral para as crianças Eloi, sendo também “repositórios daqueles a quem nunca conheceu porque morreram muito antes de suas narrativas e permite, pois, a um indivíduo tornar-se o depositário das recordações [...], e por sua vez transmitir estas recordações aos seus descendentes” (POMIAN, 2000, p. 509).

4.4 Ágora (Alexandria)

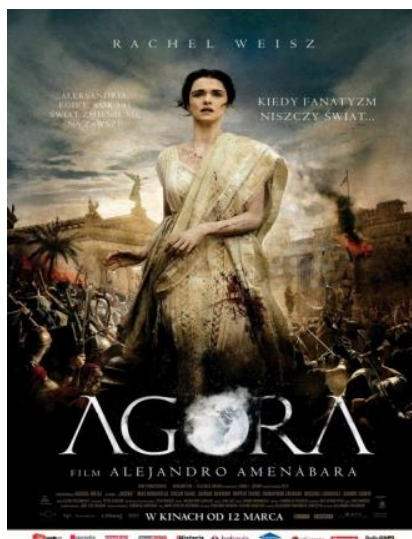


Figura 38: Cartaz do Filme
Fonte: Google Imagens

Sinopse: O filme relata a história de Hipátia, filósofa e professora em Alexandria, no Egito, entre os anos 355 e 415 d.C. Única personagem feminina do filme, Hipátia ensina filosofia, matemática e astronomia na Escola de Alexandria, junto à Biblioteca.

O filme Ágora, exibido como Alexandria no Brasil, passa-se no século VI d.C. na cidade de Alexandria. Situada no império Romano, que estava em colapso, deve resistir às divergências religiosas entre cristãos e pagãos. Em meio a essas guerras, é contada a história de Hipátia, filha de Théon – diretor do museu e da Biblioteca de Alexandria – filósofa que lecionava na grande biblioteca.

Dentro do cenário de divergências religiosas, está a importância da Biblioteca de Alexandria, que se encontrava junto ao Serapeum.¹³

Sequência 1: 00:03:46/00:05:12

¹³ Serapeum é um templo dedicado ao deus sincrético heleno-egípcio Serápis, que combinava aspectos de Osíris e Ápis em uma forma humana, mais aceita pelos gregos ptolemaicos de Alexandria. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Serapeu>>. Acesso em 09 jun. de 2017.



Figura 39-41: Biblioteca de Alexandria
Fonte: Filme Ágora

As origens da Biblioteca de Alexandria remontariam ao período de Ramsés II (1285 a.C.). Com a conquista do Egito por Alexandre o Grande em 332 a.C. e a fundação de Alexandria, a biblioteca conteria rolos da coleção real existente para a sua formação, onde todo pergaminho que existisse em seus domínios deveria ter uma cópia ali guardado, representando uma grande preservação de memória de saberes diferentes, lugares e épocas diferentes, assim sendo um tesouro de inestimável valor. Em várias cenas aparece a biblioteca com os seus pergaminhos que continham escritos milenares.

O poder das bibliotecas não se situa apenas no mundo das palavras e dos conceitos. Como Alexandria já o significava claramente, o domínio da memória escrita e da acumulação dos livros não deixam de ter significações políticas. Eles são signo e instrumento de poder (JACOB, 2000, p. 14).

Ao longo do tempo, percebemos que conflitos políticos e religiosos são grandes inimigos das bibliotecas, e não foi diferente com a Biblioteca de Alexandria. Podemos ver no filme que a majestosa biblioteca foi vítima de um ataque por possuir pergaminhos e imagens pagãs, conteúdos e ideias que eram entendidas como perigosas armas de resistência das ideias políticas, religiosas, culturais e, por isso, aos olhos dos cristãos, eram consideradas heréticas e de bruxaria.

Sequência 2: 00:44:39/00:49:25



Figuras 42-45: Preocupação em salvar os escritos
Fonte: Filme Ágora

Após um incidente na praça aonde um sacerdote pagão foi queimado em um desafio de poder entre os deuses, os pagãos decidiram organizar um ataque aos cristãos. Hipátia é contra esse acontecimento. Durante a guerra entre pagãos e religiosos, foram feitos reféns dentro da biblioteca. Ao saber do que estava acontecendo, o prefeito de Alexandria, escreve um édito onde ele perdoa os pagãos e permite que eles saiam da biblioteca e deixem que os cristãos entrem e façam o que quiser dele.

Ao ouvir isso, Théon e Hipátia imediatamente pensam nos rolos de pergaminhos e todo o seu conteúdo que estavam no acervo, e correm juntamente com os alunos de Hipátia para salvar o máximo de documentos.

Percebem-se no filme o desespero e a preocupação da filósofa em querer salvar o que podia dos escritos. Em nome da fé dos religiosos houve a destruição, junto aos ídolos e altares dos deuses, que eram ilegais aos olhos dos crentes religiosos. Toda aquela destruição deu vida a altares dos templos cristãos.

Sequência 3: 00:50:47/00:54:56



Figuras 46 e 47: Destruição da Biblioteca de Alexandria
Fonte: Filme Ágora

Por mais de um milênio, Alexandria é conhecida como um dos mais importantes centros de informação e de cultura, que reuniu letrados, pensadores e discípulos que estavam ali para estudar e obter conhecimento sobre outras culturas. Dessa forma, a destruição da biblioteca e de seu acervo levou a uma perda irreparável de todo o conhecimento existente no mundo antigo, trazendo apenas para a nossa época uma pequena parte do que existiu no passado.

Acredita-se que Hipátia, não era somente uma filósofa e professora, mas também possuía a profissão de Bibliotecária, juntamente a seu pai Theón. Como foi visto na Revisão de Literatura, as bibliotecas do antigo Egito eram templos religiosos e culturais, e seus serviços incluíam a educação de escribas, o arquivo histórico. Quanto aos Bibliotecários, estes eram também escribas e altos oficiais do estado ou sacerdotes, devido à habilidade rara que tinham para ler e escrever, (RUBIN, 2004). Harrinson (2000) observa que os livros eram organizados e guardados por estudiosos que poderiam ser considerados Bibliotecários.

Além disso, a preocupação da Hipátia com os pergaminhos da biblioteca é similar a de um Bibliotecário com a biblioteca em que trabalha. Em caso de “acidente” que prejudique o estado físico e o conteúdo informacional dos documentos e faça com que eles se percam, o Bibliotecário deve estar apto a proteger esses suportes bem como a sua informação. Hipátia sabia da importância dos conteúdos contidos nos pergaminhos, sabia que aqueles pergaminhos continham anos de história e de conhecimento e se os deixasse ali, perderia toda a informação.

Ao ser questionada sobre quais pergaminhos deveriam ser pegos, ela responde que devem ser os mais importantes, e sai pegando os rolos de pergaminhos nas prateleiras. Parece que ela sabe como se estrutura as técnicas das atividades que são pertinentes à organização da informação do acervo da Biblioteca de Alexandria, pois ela não abre os pergaminhos para ver o conteúdo, apenas seleciona os pergaminhos que irá salvar, então presume-se que ela tem conhecimento na área de organização da informação.

Para entender melhor a imagem do Bibliotecário no cinema como preservador da memória e comparar com as atividades dos Bibliotecários explicitados na literatura na área de Biblioteconomia, foram separadas algumas características no Quadro 1, por períodos, desde os primórdios dos tempos até os dias atuais.

Quadro 1 – Características do Bibliotecário na literatura científica da biblioteconomia e no cinema

Período	Características do Profissional na literatura da área de Biblioteconomia	Características do Profissional nos filmes analisados
Primórdios	Tradição Oral – possuíam apenas recursos de sua memória para ao longo do tempo, reter e transmitir as representações que lhes eram convenientes de perdurar. Nestas culturas, não existia nenhum modo sistematizado de armazenar as representações para futura reutilização (LIMA, 2007)	Fahrenheit 451: o filme que se passa em um futuro ficcional não possui Bibliotecários. Mas as pessoas-livros trabalham com a tradição oral, que se dedicam a preservar em suas memórias de obras clássicas, passando para a geração posterior para manter a salvo as memórias.
Antiguidade (280 a.C a 416 d.C)	Escribas que tinham altos cargos na sociedade (oficiais do estado ou sacerdotes). Suas atividades eram consideradas sagradas e por saber ler e escrever eram donos de fortes influências no poder político (RUBIN, 2004). Os livros eram organizados e guardados por estudiosos que poderiam ser considerados Bibliotecários (HARRINSON, 2000)	Ágora: Hipátia – filósofa – e Théon, professor de matemática e astronomia, arriscam as suas próprias vidas para salvar os rolos de papiro que guardavam todos os conhecidos até aquela época, pois sabiam da importância dos conteúdos contidos nos pergaminhos, e se deixassem que fossem destruídos pelos cristãos, toda a informação seria perdida. Hipátia sabia como se estruturava a organização dos pergaminhos. Portanto, presume-se que a personagem tem conhecimento na área de organização da informação.
Idade Média	Considerados como guardiões da informação, ou do saber, os clérigos tinham o domínio sobre os livros. A ordem e a preservação da informação era o principal objetivo. Com isso, a igreja obtinha um forte poder sobre a sociedade. Os nobres e eruditos também eram responsáveis pelos livros em suas bibliotecas particulares, tendo o mesmo objetivo dos clérigos, acúmulo do conhecimento	O Nome da Rosa: o filme apresenta bem a biblioteca da Idade Média, assim como seu Bibliotecário, que era um monge, cuidador de livros que trabalhava com a organização e guarda de documentos, bem como com as cópias de livros.

	para si. (NASCIMENTO, 2009)	
Contemporâneo	<p>Mais tecnicista, porém possuidor de características humanísticas (preservação e guarda de coleções). Voltado a novas tecnologias e suportes informacionais. Gestor e gerenciador da informação. A introdução da informática, as facilidades de telecomunicações e a aceleração do uso de meios eletrônicos no acesso e tratamento da informação mudaram o conceito da biblioteca, criaram necessidades de novas formas de mediação para obtenção e transferência de informação e documentos, e passaram a exigir um profissional com perfil um tanto diferente. (MERCADANTE, 1995)</p>	<p>A Máquina do Tempo: filme ficcional que se passa em alguns anos. Em 2030, quando Alexander vai à biblioteca, ele é atendido por uma imagem holográfica de um Bibliotecário chamado “Vox”, que é um repositório informacional conectado a todos os bancos de dados do planeta. Além de armazenamento da informação, trabalha com todos os atributos para atender o usuário. 800 mil anos depois, reaparece o personagem “Vox” trabalhando com a tradição oral, repassando as memórias vividas pela raça humana para a nova raça, chamada Eloí.</p>

5 CONCLUSÃO

A partir dos 22 filmes que foram assistidos, conclui-se que a abordagem da figura do profissional Bibliotecário, como preservador da memória dentro do cinema, não deve ser creditado como a forma que ele é retratada nesse meio atualmente. Percebe-se que, quando se trata do Bibliotecário e preservação da memória, pouco se é abordado, até mesmo na literatura.

Na busca de material para dar vida a este trabalho, poucas coisas foram encontradas. Fala-se das técnicas de preservação, mas não da importância da pessoa que exerce o trabalho de Bibliotecário de preservar e ao mesmo tempo de disseminar a memória. Não mostra por que este profissional deve ter essa função. A busca sobre esse tema na literatura apresentou mais resultado no âmbito da arquivologia.

Dumont (1991) apresenta características profissionais assumidas por Bibliotecários em seu campo de trabalho. São elas: a manutenção e preservação dos acervos; o atendimento das necessidades de informação dos participantes da instituição onde a unidade de informação está inserida; o atendimento das necessidades de informação dos usuários de tal unidade e a responsabilidade social com a totalidade da sociedade.

A partir dessas atribuições, os Bibliotecários, para atender às necessidades de seus usuários, devem preservar o seu acervo, pois deles provêm às informações.

Nesta análise foi constatado que, com o passar do tempo, com a vinda e com a evolução das tecnologias, os atributos e as funções dos Bibliotecários foram mudando e se aperfeiçoando. Hoje, as bibliotecas lidam com meios eletrônicos e digitais. Elas se renovam para obter o papel que os seus usuários precisam que assumam.

Mas para que a biblioteca tenha esse papel, ela necessariamente precisa que o Bibliotecário assuma uma posição na construção, transmissão, e preservação do conhecimento. Deve-se criar estratégias para a salvaguarda

das memórias coletivas como um patrimônio da humanidade. Nesse ponto de vista, o Bibliotecário deve tornar-se um defensor da preservação do patrimônio histórico da humanidade e deve ter como instrumentos todos os suportes que abrigam informações como uma construção do passado e do presente, que vão garantir futuramente uma identidade cultural e histórica para uma sociedade.

Em se tratando da linguagem cinematográfica, a profissão do Bibliotecário, mesmo passando ao longo do tempo, ganhando novas atribuições, remete a uma ideia estereotipada. Nos filmes assistidos para a análise de dados não é colocado a imagem do Bibliotecário estereotipada, mas percebe-se que a maioria dos filmes apresenta os Bibliotecários como velhos, com roupas conservadoras, com coque e óculos, mal-humorados, bem como foi visto na Revisão de Literatura.

O cinema é fundamental para este trabalho, pois é uma linguagem com suas regras e suas convenções, que tem a capacidade de unir diversas formas de comunicação em um só meio. Nele se juntam o som, a escrita, a imagem, assim criando um contexto, uma história, uma comunicação entre os personagens ou a história com seus escritores.

O cinema é considerado um importante meio de comunicação, que possui um modo influenciador e formador de opinião, tendo em vista a capacidade de “conversar” com o seu público. As imagens em movimento e sons inseridos na linguagem fílmica têm influenciado nossas maneiras de conceber e representar o mundo e de transmitir informações.

Resumidamente, por meio desta análise, nota-se que a imagem construída do Bibliotecário no cinema acontece em diferentes categorias, como a mais conhecida – velho ranzinza, Bibliotecário computadorizado, monge sábio, e a principal função abordada nesse meio é a do setor de referência e a guarda de livros. Como preservador da memória, vemos o Bibliotecário em quatro formas e em diferentes períodos: o preservador por meio da cultura oral, o monge guardião de livros, o que se preocupa em salvaguardar o acervo e a máquina substituindo o ser humano.

Após os resultados das análises dos filmes e com o conhecimento adquirido na Revisão de Literatura, percebe-se que o poder de destruição dos lugares de memória tem ocupado espaço em todas as sociedades por motivos ideológicos, religiosos e políticos, que não destroem meros objetos, mas meios de memória. Báez (2006) afirma que existe um vínculo poderoso entre o livro e a memória que faz com que um texto deva ser visto como peça-chave do patrimônio cultural de toda a humanidade.

Nesse sentido, a biblioteca, como lugar de memória, será mais que um espaço, será “um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira” (BARATIN; JACOB, 1995, p. 9)

Sendo assim, a representação que a biblioteca possui como lugar de memória, contribuirá para a compreensão do presente a partir do passado, trazendo, perspectivas para o futuro. Porém, as bibliotecas só vão ter essas representações significativas quando ou se os usuários puderem se apropriar das informações ali contidas, por meio do acesso, facilitado pelo Bibliotecário.

Por todo este estudo e análise dos filmes, conclui-se que um Bibliotecário tem que assumir além das funções técnicas (indexação, catalogação, classificação, etc.), a função de preservador e disseminador da memória e que, por meio de instrumentos técnicos e tecnológicos podem ser grandes contribuintes para este serviço, onde vai exigir como atributos para essa profissional compreensão das formas escritas, desde o códex até as telas dos computadores, das estratégias de apropriação de materialidades documentais. Assim como está se fazendo na Biblioteca do Vaticano, dando acesso a documentos produzidos ao longo da história representado por meios digitais, ou seja, com as novas modalidades de produção e conservação do escrito..

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, Marta Lígia (Org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000, p. 31- 51.

ALVARENGA, Lídia. Representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação em tempo e espaços digitais. In: **Revista Eletrônica Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, p. 18-40, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p18/5233>>. Acesso em: 30 maio 2017.

AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION OF HISTORIC AND ARTISTIC WORKS. **Definitions of conservation terminology**. Disponível em: <<http://www.conservation-us.org/aboutconservation/definitions#.UsVMvRDtdw>> Acesso em: 10 abr. 2017.

BÁEZ, F. **História universal da destruição dos livros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAPTISTA, Maria Manuel, Estereotipia e Representação Social – uma abordagem psico-sociológica. 2004. Disponível em: <<http://lfc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Aula%201%20-%20Representac%20f5es%20sociais%20e%20esterotipia.pdf>> Acesso em 07 jul. 2017.

BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. **Modernidade em preto e branco: a televisão em Curitiba**. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Paraná, 2007.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. (Dir.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 3, n. 4, p. 03-08, 1994.

BATISTA, Nicolle; SOUZA, C. A.de. Preservação e memória: informação como matéria prima, importância dos acervos na produção do conhecimento. In: **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 12, n. especial, p. 149-155, jul./dez. 2016.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BEZERRA, Eutrópio Pereira; OLIVEIRA, Danielle Alves. Preservação da Memória: técnicas e tecnologias alternativas para a salvaguarda de acervos documentais. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 14. Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/schedConf/presentations>>. Acesso em 08 maio de 2017.

BORGES, Gilson Pedro. **O Bibliotecário nas telas de cinema**: retrato fiel ou estereótipo? [Trabalho de Conclusão de Curso]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia; 2010.

BRANQUET, Vera Silva Marão et. al. Qualidade de ensino na FABI-Campinas face ao moderno profissional da informação. **Transformação** v.11, n.1, p 63-69, Jan./ Abr. 1999.

CASTRO, Flávia Cesarino. O Primeiro cinema. In: MASCARELLO, Fernando (org). **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus. 2006.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora da UnB, 1994.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Marcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; FAPESP. 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/19930563/chizzotti-antonio-pesquisa-qualitativa-em-ciencias-humanas-e-sociais>>. Acesso em: 31 maio. 2017.

CORADI, Joana Paula; EGGERT-STEINDEL, Gisela. Técnicas básicas de conservação e preservação de acervos bibliográficos. In: **Revista ACB**:

Biblioteconomia em Santa Catarina v. 13, n.2, p. 347-363, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://revista.acbssc.org.br/racb/article/viewFile/588/693>>. Acesso em 25 abr. 2017.

COSTA, Antônio. **Compreender o cinema**. São Paulo: Globo, 2003. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/costa-antonio-compreender-o-cinema.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2017.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema**: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/50730560/CostaFlavia-Cesarino-O-primeiro-cinema-espetaculo-narracao-domesticacao#scribd>>. Acesso em: 03 maio 2017.

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. In: **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.10, n.2, p. 5-20, jul./dez. 1982. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CUNHA_1982.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CRIPPA, Giulia. Ordem e desordem nos labirintos da ficção: os Bibliotecários e suas representações em alguns produtos culturais contemporâneos. In: **TransInformação** v. 21, n. 2, p. 151-161, maio/ago. 2009.

CRIPPA, Giulia; RODRIGUES, Bruno César. A ciência da informação e suas relações com a arte e museu da arte. In: **Biblionline**, João Pessoa, v. 5, n. ½, 2009.

DEMO, Pedro. **Introdução da Metodologia**. São Paulo: Atlas, 1985.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERNANDES, Maria do Socorro Cavalcante. **Artefatos arquivísticos como elemento de memória no arquivo Afonso Pereira**. 2006. Trabalho de Conclusão Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-memória**: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB. João Pessoa: UFPB, 2008. 139 p. Dissertação, Biblioteconomia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FREITAS, Cristiane. O cinema: objeto de uma rede de comunicação relacional. In **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, n. 10, p. 23-28, nov. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/794/8986>> Acesso em 15 maio 2017.

FRIDMAN, L. C. **Pós-modernidade**: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. [1999]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 15 maio 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em 02 maio 2017.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; ROCHA, Rosa e. O mundo discursivo no cinema: a construção de sentidos. Cine Brasileño. **Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación**, México, v. 1, n. 76, p. 1-11, maio/jul. 2011. Disponível em: Acesso em: 05 maio 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

HAZEN, Dan. Desenvolvimento, gerenciamento e preservação de coleções. In: **Planejamento de preservação e gerenciamento de programas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos. Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cpba_33_a_36_1253283889.pdf>. Acesso em 25 abr. 2017.

HEFFNER, Hernani. Preservação. Revista Virtual: **Contracampo**, n. 34, de 2001. Disponível em: <<http://www.contracampo.com.br/34/frames.htm>>. Acesso em 25 abr. 2017.

HOLANDA, C.; NASCIMENTO, A. BIBLIOTECÁRIO: gestor das unidades de informação. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 12., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRS, 2010. p. 1- 15. Disponível em: <http://rabc.org/rabc/sites/default/files/Bibliotecario_id.pdf> Acessado em: 03 maio. 2017.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Dir.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 45-73.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: editora da UNICAMP. 1990.

LIMA, Cátia Cristina de; LIMA, Katianne de. **A Auto-imagem do Bibliotecário versus a visão social: uma análise da valorização profissional**. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, curso de biblioteconomia; 2009.

LIMA, Gercina Ângela Borém. A transmissão do conhecimento através do tempo: da tradição oral ao hipertexto. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, Jul.- Dic. 2007, vol. 30, no. 2, p. 275-285.

LOUREIRO, Mônica de Fátima; JANNUZZI, Paulo de Martino. Profissional da informação: um conceito em construção. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 123-151, maio/ago. 2005.

LYSARDO-DIAS, D. A Construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. **Stockholm Review of Latin American Studies**, n. 2, p. 25-35, nov. 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/150467169/LYSARDO-DIAS-D-Construcao-e-a-desconstrucao-de-esteriotipos-pela-publicidade-brasileira-A>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

MACEDO, N. M. **Criando uma arquitetura de memória corporativa baseada em um modelo de negócio**. 2003. Tese (doutorado) – PUC, Departamento de Informática, Rio de Janeiro.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. 4ª Edição. São Paulo: Editora Senac: São Paulo, 2000.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Dinalivro, 2005. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/martin-marcel-a-linguagem-cinematografica.pdf>> acesso em 02 maio 2017.

MARTINS, W. **A palavra escrita**. São Paulo: Ática, 2002.

MASCARELLO, Fernando (org). **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus. 2006.

MERCADANTE, Leila M. Z. Novas Formas de Mediação da Informação. **Transinformação**, v.7 nº 1/2/3, p. 33-40, jan./dez. 1995. Disponível em: <periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/download/1635/1606> Acesso em 07 jul. 2017.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial. 2002.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <<https://dd.pt/dl/download/9ce6538a-bcad-4766b43025bfa307cbf4/Livro%20Minayo.pdf>> Acesso em: 02 maio 2017.

MONTEIRO, Jorge Luiz da Silva, et. al. **Novos Espaços de atuação do profissional da informação: o Bibliotecário e o seu perfil face aos novo tempos**. XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação; 16-22 jan. 2011. São Luiz: Universidade Federal do Maranhão, 2011.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Caminhos da História).

MORAES, Marielle Barros de; LUCAS, Elaine de Oliveira. A responsabilidade social na formação do Bibliotecário brasileiro. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 109-124, jan./jun. 2012.

NASCIMENTO, Amanda Carla Ganim do. A Imagem do profissional de biblioteconomia perante a população da região metropolitana do Recife. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco. 2009.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> > acesso em 31 de março de 2017.

OCHÔA, Paula; PINTO, Leonor Gaspar. Auto-imagem: observações actuais e variáveis do futuro. In: **A imagem das competências dos profissionais de informação e documentação**: relatório. Lisboa: OPi-d, 2006.

OLIVEIRA, E. B.; RODRIGUES, Georgete M. . **O conceito de memória na Ciência da Informação**: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. Liinc em Revista, v. 7, p. 311/416-328, 2010.

OLIVEIRA, Robespierre; COLOMBO, Angélica Antonechen. Cinema e linguagem: as transformações perspectivas e cognitivas. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.10, n.16, p.13-34, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13648/14588>> acesso em 03 maio de 2017.

OLIVEIRA, Simone Rosa de. **Informação e memória**: registros documentais da FUNDARPE – 2003/2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **Um estudo da auto-imagem profissional do Bibliotecário**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Biblioteconomia, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: GIL, Fernando. **Sistemática**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: 2000. p.507- 516. (V. 42.)

RAISH, Martin. **Librarians in the movies**: an annotated filmography. [2007?]. Disponível em: <<http://emp.byui.edu/raishm/films/introduction.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

REIS, Ana Paola. **A análise de imagens como método de pesquisa e recurso didático**. 2014. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2010/administracion-concursos/archivos_conf_2013/1131_85939_1689con.pdf>. Acesso em: 05 maio. 2017.

ROCHO, R. de M. **O estereótipo do Bibliotecário no Cinema**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RODRIGUES, Georgete M. **Memória e esquecimento ou a solidão informacional do homem contemporâneo**: metáfora do filme Amnésia. Em questão, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 137-152, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/116/74>>. Acesso em 13 de fev. 2017.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca et al. **A biblioteca e o Bibliotecário no imaginário popular**. Biblionline, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 82-95, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/15097/9599>>. Acesso em: 03 maio. 2017.

RONCAGLIO, Cynthia; Manini Miriam Paula. **Arquivologia e cinema**: um olhar arquivístico sobre narrativas fílmicas. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2016.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

RUBIN, R. E. **Foundations of library and information science**. 2. ed. New York; London: Neal-Schuman, 2004. Disponível em: <<http://www.neal-schuman.com/sandbox/images/pdf/9781555705183.pdf>>. Acesso em: 03 maio. 2017.

SALGADO, Denise Mancera; BECKER, Patrícia. O Bibliotecário no olhar do público escolar. In **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: Santa Catarina, n.6, set. 1998.

SANTA-ANNA, Jorge. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços Bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. In: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 13, n.1, p. 138-156, jan./abr. 2015.

SARMENTO, Adriana Godoy da Silveira. Preservar para não restaurar. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INFORMAÇÃO E ÉTICA**, 2003, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2003.

TODOROV, T. **Memoria del mal, tentación del bien** (Memória do mal, tentação do bem). Indagación sobre el siglo XX. Barcelona, Península, 2005.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2002.

VIEIRA, Simone Bastos (coord.). **Projeto Biblioteca Digital do Senado Federal: Informação para todos**. Brasília: Senado Federal, 20???. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/99288/Projeto%20BDSF.pdf?sequence=4> >. Acesso em 05 jun 2017

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. **Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento**. O exemplo do Centro de memória da Unicamp. Disponível em <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.pdf> >. Acesso em 09 abr. de 2017.

YANES, Claudia Paz. Bibliotecas de cine: uma revisión de la imagen de las bibliotecas y los Bibliotecários en el séptimo arte (tópicos y estereótipos). **Scire**, Zaragoza, v. 8, n.2, p.114-140, jul./dic. 2002.

ZÚÑIGA, Solange Sette G. de. A importância de um programa de preservação em arquivos públicos e privados. **Registro Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba**, Indaiatuba, Ano 1, v. 1, n. 1, p. 71-89, 2002

- Sites

<http://www.abcine.org.br/artigos/?id=1431&/preservacao-e-difusao-pela-memoria-do-cinema-brasileiro> acesso em 13 de dezembro de 2016 acesso em 13 de dezembro de 2016.

<http://preservacaodeacervo.blogspot.com.br/2009/11/diferencas-entre-os-conceitos.html> acesso em 31 de março de 2017.

<https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2009/09/23/memoria-individualmemoria-colectiva-conflito-e-negociacao/> acesso em 09 de abril de 2017.

<https://www.vatlib.it/home.php?pag=progettodigit> Acesso em 05 jun. 2017.

<http://opac.vatlib.it/iguana/www.main.cls?sUrl=homeMSS&language=eng> Acesso em 05 jun. 2017.

ANEXOS

Anexo A – Índice de Filmes que apresentam Bibliotecários

Índice de filmes apresentados por Martin Raish. Alguns filmes não possuem tradução para o português ou não foram encontrados os títulos. Os filmes que apresentam a letra A indicam alguém que diz ou faz algo que claramente identifica a si mesmo (ou algum outro personagem) como um Bibliotecário. Essa pessoa pode ser um profissional, caixeiro, assistente estudante, diretor ou algum outro tipo de "Bibliotecário". Alguns têm papéis importantes, outros têm apenas uma dúzia de palavras para falar. (cerca de 175 filmes). Os que apresentam a letra B remetem a biblioteca que é utilizada para a pesquisa, para o estudo, para conhecer alguém ou para alguma outra finalidade, mas qualquer Bibliotecário que pode ser visível e nada mais importante do que uma peça de mobiliário que ajuda a identificar a configuração. (cerca de 150 filmes). E os filmes que apresentam a letra C são os que não apresentam Bibliotecários ou biblioteca é mostrado, somente mencionado ou não apresentam bibliotecários ou biblioteca. São somente mencionados ou referidos na passagem. (Cerca de 50 filmes.)

9 – A salvação (2009)	A	Terror em Amityville	B
Sem pistas (2002)	B	Amityville II: A Possessão	B
Ace Ventura: Detetive de animais (1994)	C	Anatomia de um crime (1959)	B
Adventure	A	Um anjo à minha mesa (1990)	B
Adventures of Mary Kate & Ashley:		Apartment for Peggy (1948)	A
The Case of the Logical I Ranch	A	O Suspeito da rua Arlington (1999)	B
After Twilight	A	As Young as You Feel (1951)	A
Agent Trouble (1987)	A	Aspen – dinheiro, sedução e perigo (1993)	C
Agnes and His Brothers (2004)	A	O segredo das joias (1950)	B
AI: Inteligência Artificial	A	Desejo e reparação (2007)	B
Alice no país das maravilhas	A	O Sótão (2007)	A
Todos os homens do presidente (1976)	A	Outono em New York (2000)	A
All the Queen's Men (2001)	A	Tempo de despertar (1990)	A
American Pie	B	Presente de grego (1987)	B
		De volta às aulas (1986)	B
		De volta para o futuro (1985)	C

De volta para o futuro II (1989)	C	(1974)	
De volta para o futuro III (1990)	B	O Céu se enganou (1989)	A
Bola de fogo (1941)	B	A Troca (1980)	A
A Reconquista (2000)	B	Cheers for Miss Bishop (1941)	C
Rebobine por favor (2008)	B	Acidentes mortais (1994)	C
Amigas para sempre (1988)	B	Chinatown (1974)	A
Brincando de seduzir (1996)	B	Christine, o carro assassino (1983)	A
Uma mente brilhante (2001)	B	Cimarron (1931)	C
A Bela e a Fera	A	A Qualquer preço (1998)	C
Beauty for Sale (1933)	C	Cidadão Kane (1941)	A
Meu melhor amigo (2005)	A	Cidade dos Anjos (1997)	B
Rosas da sedução (1996)	A	Em busca do ouro perdido (1994)	A
De volta ao vale das bonecas (1970)	B	O Cliente (1994)	B
Quero ser Grande (1988)	B	Laranja Mecânica (1971)	B
Inimigos para sempre (1996)	A	Collateral	B
A beira do abismo (1946)	A	Uma estranha passagem em Veneza (1990)	A
Billy Elliot (1999)	A	Os Dez Mandamentos (2006)	A
Black Mask (1984)	A	Compensation (1999)	A
Sementes da violência (1955)	B	Confissões de um espião nazista (1939)	B
Chantagem e Confissão (1929)	B	The Convent (2000)	A
Blade (1998)	A	O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante (1989)	A
Terapia do prazer (1997)	A	Os Crimes dos rios de púrpura (2000)	B
Dívida de sangue (2002)	B	O Código da Vinci (2006)	C
The Blot (1921)	A	O Dia depois de amanhã (2004)	B
The Blue Kite (1993)	A	O dia do Chacal (1973)	B
Brazil (1985)	A	Dead Heat (1988)	B
Bonequinha de Luxo (1961)	A	O Engano (1991)	A
O Clube dos cinco (1985)	B	The Deep (1977)	B
Bridge across Time (1985)	A	Defence of the Realm (1986)	B
Nova York – uma cidade em delírio (1988)	B	Amor eletrônico (1957)	A
Buongiorno, notte (2003)	A	Duro de matar – A vingança (1995)	C
Cabaret	B	Dinotopia (2002)	A
Caesar e Cleopatra (1945)	B	Meu amigo bicho-papão (1999)	A
Cain e Mabel (1936)	A	Risco duplo (1999)	B
Cal – Memórias de um terrorista (1984)	A	Abaixo o amor (2003)	C
Carolina Skeletons (1991)	A		
Carrie, a estranha (1974)	B		
Caveman's Valentine (2001)	A		
Céline e Julie vão de barco	A		

Doutor Jivago (1965)	B	007 contra Goldeneye (1995)	B
Dream with the Fishes (1997)	A	Bom dia, Vietnã (1987)	C
Linda de morrer (1999)	A	Good News	A
Caçada de bruxas (2009)	A	Gênio indomável (1997)	C
Desfile de páscoa (1948)	C	Paixão de primavera (1969)	A
O despertar de Rita (1983)	B	A Primeira noite de um	B
O Cavalo elétrico (1979)	C	homem (1967)	
Elefante (2003)	B	Advinhe quem vem para jantar	C
O Clube do Imperador (2002)	B	(1967)	
Enchanted April (1992)	B	Um Perigo de mulher (1992)	A
Fim dos dias (1999)	C	Hammett (1982)	A
O Desejável Mr. Sloane (1970)	C	The Hand that Rocks the	B
Alcatraz – Fuga impossível	A	Cradle (1992)	
(1979)		The Handmaid's Tale (1990)	C
Fuga de Nova York (1981)	C	Happy Together (1989)	A
Brilho eterno de uma mente	C	Hard-Boiled (1992)	B
sem lembranças (2004)		Um Hóspede do braulho	A
Ever After	B	(1987)	
Radicalmente Pateta (2000)	A	Harry Potter e a câmera	B
Fahrenheit 451 (1966)	C	secreta (2002)	
Fatal Attraction (1987)	B	Harry Potter e o cálice de fogo	B
A História do FBI (1959)	B	(2005)	
Campo dos sonhos (1989)	B	Harry Potter e a pedra filosofal	B
File It under Fear (1973)	C	(2001)	
Desejos (1992)	B	Head over Heels (2001)	A
Final Notice (1989)	A	Heading Home	A
Encontrando Forrester (2000)	B	Hear My Song (1991)	A
Chamas da vingança (1984)	A	Morrendo e aprendendo	A
A Máscara da traição (1949)	C	(1993)	
Follow the Stars Home (2001)	A	As Condições de Henry Fool	B
Footloose – Ritmo louco	C	(1998)	
(1984)		Her Alibi (1989)	B
Forbidden (1932)	A	Hidden City (1988)	A
Eternamente jovem (1992)	A	Homicide	A
Golpe sujo (1978)	A	Hoodlum (1997)	C
Escritores da liberdade (2007)	B	O Vampiro da noite (1958)	B
A Hora do espanto 2 (1988)	B	Quando vem a tormenta	B
Getting Straight (1970)	C	(1958)	
Os Caça fantasmas (1984)	A	As Horas (2001)	C
Cassino das tentações (1955)	A	A Casa do Cemitério (1981)	B
O Poderoso chefe (1972)	C	A Comédia Humana (1943)	A
Deuses e monstros (1998)	B	Eu sei o que vocês fizeram no	C
O Rapto do menino de ouro	C	verão passado (1997)	
(1986)		Adoro Problemas (1994)	A

Imitação da vida (1959)	C	(1948)	
Em Nome do pai (1993)	A	O guardião: em busca da	A
Incident at Dark River (1989)	B	lança sagrada (2004)	
Indiana Jones e o reino da	C	Likely Lads (1976)	B
caveira de cristal (2008)		Lista de espera (2000)	B
Indiana Jones e a última	A, C	Little Secrets (2001)	A
cruzada (1989)		Fuga no século 23 (1976)	B
Inferno (1999)	B	Golpe Baixa (2005)	B
Interlude (1968)	A	O Senhor dos anéis e a	B
Entrevista com vampiro (1994)	B	sociedade do anel (2001)	
Intimate Strangers (2004)	A	Oleo de Lorenzo (1992)	B
Ipccress: arquivo confidencial	B	Ame-me esta noite (1932)	B
(1965)		Love My Life (2006)	B
Eu, robô (2004)	C	Love Story – Uma História de	A
Irezumi: Spirit of Tattoo (1982)	A	amor (1970)	
Ironweed (1987)	A	Love, Mary (1985)	B
It (1990)	A	Lovers & Leavers (2002)	A
It Happened Tomorrow (1944)	A	Lucky Jim (1957)	B
A Felicidade não se compra	A	Magnolia (1999)	B
(1946)		Garra de Campeões (1989)	A
Jesus de Montreal (1989)	B	Malcolm X (1992)	B
Joe contra o vulcão (1990)	A	O Homem que nunca existiu	A
A suspeita (1994)	A	(1956)	
Jumper (2008)	B	O homem sem face (1993)	B
Just Another Girl on the I.R.T.	B	Sob o domínio do mal	B
(1992)		(1964/2004)	
Justa causa (1995)	A	Jogos Fatais (1986)	B
Just Looking	A	Maratona da morte (1976)	B
K-Pax – o caminho da paz	C	Martha, Ruth & Edie (1988)	A
(2001)		A Máscara de Dimitrios (1944)	A
Kalifornia: uma viagem ao	C	Matilda (1996)	B
inferno (1993)		Matrix (1999)	A
Kate and Leopold (2002)	C	Maxie (1985)	A
Katie Did It (1951)	A	Homens de Honra (2000)	A
Kes (1969)	A	Código para o inferno (1998)	A
Kingsajz (1988)	B	Mindkiller (1987)	A
Um Beijo antes de morrer	B	Miranda (2002)	A
(1991)		Máscara da Ilusão (2005)	A
O Quinteto da Morte (1955)	C	Louca Obsessão (1990)	B
Last Embrace (1979)	B	Miss Marple – Convite para	A
A Última vida no universe		um homicídio (1985)	
(2003)	A	Mr. Belvedere Rings the Bell	A
Legalmente loira (2001)	B	(1951)	
Carta de uma desconhecida	A	Mr. Sycamore (1975)	A

Monkey Trouble (1994)	A	Passport to Pimlico (1949)	B
Manhã de Glória (1933)	A	A Tortura do Medo (1960)	A
A Última Profecia (2002)	B	Dossier Pelicano (1993)	B
A Múmia (1999)	A	O Fantasma (1996)	A
Music Man (1962)	A	Fenômeno (1996)	C
A Máquina de Outro Mundo (1985)	B	Filadélfia (1993)	A
Minha Montanha Encantada (1969)	A	Núpcias de escândalo (1940)	A
O nome da Rosa (1986)	A	Anjo do Mal (1953)	A
Nome de Família (2006)	A	Plain Clothes	B
Uma cidade sem passado (1990)	B	Hotel das Ilusões (1971)	C
A Lenda do Tesouro Perdido (2004)	B	A Vida em Preto e Branco (1998)	A
A Lenda do Tesouro Perdido – Livro dos Segredos (2007)	B	Positive I.D. (1986)	B
Navy Blues (1937)	A	A Garota em Rosa Shocking (1986)	B
Necronomicon – O Livro Proibido dos Mortos (1993)	B	Prick Up Your Ears (1987)	B
Nunca fui beijada (1999)	B	Orgulho e Preconceito (2005)	C
A História sem Fim III (1994)	A	Primary Colors (1998)	A
A Noite dos Demônios (1988)	B	A Primaveira de uma Solteirona (1969)	A
A Noite do Estrangulador (1973)	B	Um Príncipe em Minha Vida (2004)	B
Ninotchka (1939)	C	Public Access (1993)	A
O Último Portal (1999)	B	Uma Sepultura na Eternidade (1967)	B
No Man of Her Own (1950)	A	A Rainha dos Condenados (2002)	C
Nada Pessoal (2009)	A	Quiet Please, Murder (1942)	A
Agora e Sempre (1995)	B	Race with the Devil (1975)	B
Policial por Acaso (1986)	A	Adeus à inocência (1984)	B
The Offspring (2009)	C	Na Época do Ragtime (1981)	A
On the Beach (1959)	B	Dragão vermelho (2002)	A
Only 38 (1923)	A	Uma Segunda Chance (1991)	B
Only Two Can Play (1962)	A	A Relíquia (1997)	C
Condenado pela Inocência (1985)	A	Lembranças (2010)	B
Osmosis Jones (2001)	C	Resting Place (1951)	A
The Pagemaster – Mestre da Fantasia (1994)	A	De Volta a Caldeira do Diabo (1961)	C
Paperback Romance (1994)	B	Sem Limites para Vingar (1991)	B
O Homem Que Eu Escolhi (1973)	A	Les Rivieres Pourpres -- see Crimson Rivers (2000)	B
Baladas em NY (2005)	A	Rollerball – Os Gladiadores do Futuro (1975)	A

Rome Adventure (1962)	A	(1983)	
Os Excêntricos Tenenbaums (2001)	C	Em Algum Lugar do Passado (1980)	A
Sonhos Vazios (2009)	B	A Escolha de Sophia (1982)	A
Três é Demais (1998)	B	Confusão à Flor da Pele (1986)	B
S.W.A.T. (2003)	C	No Mundo 2020 (1973)	A
Salmonberries (1991)	A	Quando Fala o Coração (1945)	C
Scandal Street (1952)	A	Os Nove Irmãos (1963)	B
Perfume de Mulher (1992)	A	O Espião que Saiu do Frio (1965)	A
Luta Pela Coisa Certa (1988)	B	Stanley and Iris (1989)	A
Pânico 2 (1997)	B	Jornada nas Estrelas (1979)	C
Pânico 3 (2000)	A	Star Trek: Insurreição (1998)	A
A Season for Miracles (1999)	A	Star Wars, Episodio II: Ataque dos Clones (2002)	A
Se7en (1995)	B	O Agente da Estação (2003)	A
Sex and the City (2008)	B	Stepford Wives (2004)	C
The Seven Faces of Dr. Lao (1964)	A	Stepping Out (1991)	A
The Seventh Coin (1993)	A	No Despertar da Tormenta (1956)	A
A Sétima Vítima (1943)	A	Straight Talk (1992)	B
A Sombra de uma Dúvida (1943)	A	Striptease (1996)	C
Shadows in the Storm (1988)	A	O Substituto (1996)	B
Um Sonho de Liberdade (1994)	A	Curso de Verão (1987)	B
Shooting the Past (1999)	A	Garota Sinal Verde (1985)	C
O Silêncio dos Inocentes (1991)	B	Renda-se Dorothy (2006)	B
Um Plano Simples (1998)	A	Os Suspeitos (1995)	B
Sociedade Secreta (2000)	B	Sylvia – Paixão Além das Palavras (2003)	A
Slaughter of The Innocents (1993)	A	Tale of a Vampire (1992)	B
Sleepers – A Vingança Adormecida (1996)	B	E A Vida Continua (1942)	C
Dormindo com o Inimigo (1990)	A	O Tao de Steve (2000)	B
Sintonia de Amor (1993)	C	Terezin Diary	B
De Caso como Acaso (1998)	B	Carícias de Luxo (1962)	C
Invasão de Privacidade (1993)	B	Tillsammans (2000)	C
Smilla's Sense of Snow (1997)	B	They Might be Giants (1971)	A
The Snapper (1993)	B	The Thief (1952)	B
Aquele Dia Inesquecível (1947)	A	A Ceia dos Acusados (1934)	C
Alguém Muito Especial (1987)	B	Três Formas de Amar (1994)	B
No Templo das Tentações	A	A Máquina do Tempo (1960)	A
		A Máquina do Tempo (2002)	A
		Te Amarei para Sempre	B

(2009)		(1945)	
Gatos Numa Rouhada (2001)	A	The Young Poisoner's	B
La Totale! (1991)	A	Handbook (1995)	
Laços Humanos (1945)	A	O Enigma da Pirâmide (1985)	B
O Show de Truman (1998)	B	Agora Você É Um Homem	A
Trust (2010)	C	(1966)	
A Morte Tem Cara de Anjo	A	É Proibido Procriar Z.P.G.	B
(1968)		(1972)	
A Chave do Enigma (1990)	A	Zardoz (1974)	B
UHF (1989)	B		
O Presente (2006)	A		
The Unnamable II:			
The Statement of Randolph	A		
Carter (1992)			
Up the Down Staircase (1967)	A		
Lenda Urbana (1998)	B		
Um Corpo Que Cai (1958)	C		
A Very Good Young Man	A		
(1919)			
Violent Saturday (1955)	A		
Jogos de Guerra (1983)	B		
A Guerra dos Mundos (2005)	A		
The Watermelon Woman	A		
(1996)			
Nosso Amor de Ontem (1973)	B		
Algemas Quebradas (1959)	A		
Ouro da Cobiça (1984)	B		
Mais um Verão Americano	B		
(2001)			
Sobras do Passado (1985)	A		
Amor Além da Vida (1998)	B		
What's New Pussycat? (1965)	B		
O Fim do Mundo (1951)	C		
Onde Mora o Coração (2000)	A		
Whisper of the Heart	B		
The Whisperers (1966)	B		
The Wicker Man (1973)	A		
Os Selvagens (2006)	A		
Wimps (1986)	A		
Asas do Desejo (1987)	B		
Winslow Boy (1999)	B		
Com Mérito (1994)	A		
Witwer mit 5 Töchtern (1957)	A		
Um Rapaz de Outro Mundo	A		

Anexo B – Referência dos filmes assistidos

A HISTÓRIA do FBI. Direção e produção: Mervyn Leroy. Intérpretes: James Stewart; Vera Miles; Murray Hamilton; Larry Pennell; Rick Adams e outros. [S. l.]: Ocean Pictures do Brasil, 1959. 1 DVD (149 min), son., color. Título original: “The FBI story”.

A HISTÓRIA sem fim III. Direção: Peter MacDonald. Produção: Dieter Geissler. Intérpretes: Melody Kay; Jack Black; Freddie Jones; Tony Robinson e outros. [S. l.]: Europa Home Vídeo, 1994. Título original: “The neverending story III”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cEjT-q6qazQ>>. Acesso em 26 mar. 2017.

A INCRÍVEL história de Adaline. Direção: Lee Toland Krieger. Produção: Sidney Kimmel. Intérpretes: Blake Lively, Michiel Huisman, Harrison Ford e outros. [S. l.]: Universal Pictures, 2015. Título original: “The age of Adaline”. Disponível em: < <http://www.filmesonline.biz/a-incrivel-historia-de-adaline/>>. Acesso em 18 fev. 2017.

A MÁQUINA do tempo. Direção: Simon Wells. Produção: Walter F. Parkes e David Valdes. Intérpretes: Guy Pearce; Samantha Mumba; Orlando Jones; Mark Addy; Jeremy Irons e outros. [S. l.]: Warner Bros., 2002. 1 DVD (96 min), son., color. Baseado na obra de H. G. Wells. Título original: “The time machine”.

A MÚMIA. Direção: Stephen Sommers. Produção: James Jacks e Sean Daniel. Intérpretes: Brendan Fraser; Rachel Weisz; John Hannah; Arnold Voslo; Jonathan Hyde; Kevin J. O'Connor e outros. [S. l.]: Universal Pictures, 1999. 1 DVD (124 min), son., color. Título original: “The Mummy”.

BALADAS em NY. Direção: Daysy von Scherler Mayer. Produção: Georgia Kacandes. Intérpretes: Parker Posey; Anthony Desando; Guillermo Diaz; Donna Mitchell; Lev Schreiber; Omar Townsend; Sasha von Scherler e outros. [S. l.]: First Look Pictures, 2005. 1 DVD (94 min), son., color. Título original: “Party girl”.

BONEQUINHA de luxo. Direção: Blake Edwards. Produção: Martin Jurow e Richard Shepherd. Intérpretes: Audrey Hepburn; George Peppard; Patricia Neal; Buddy Ebsen; Martin Balsam; Mickey Rooney. [S. l.]: Paramount, 1961. Título original: “Breakfast at Tiffany’s”. Disponível no catálogo do Netflix.

CIDADÃO Kane. Direção: Orson Welles. Produção: RKO. Intérpretes: Orson Welles; Dorothy Comingore; Joseph Cotten; Everett Sloane; George Coulouris; Agnes Moorehead; Paul Stewart; Erskine Sanford e outros. [S. l.]: Continental Home Video, 1941. 1 DVD (119 min), son., p&b. Título original: “Citizen Kane”.

CIDADE dos anjos. Direção: Brad Silberling. Produção: Dawn Steel e Charles Roven. Intérpretes: Nicolas Cage; Meg Ryan; Dennis Franz; Andre Braugher e outros. [S. l.]: Warner Bros., 1998. 1 DVD (114 min), son., color. Título original: "City of angels".

DINOTOPIA: a terra dos dinossauros. Direção: Marco Brambilla. Produção: William P. Cartlidge e Dusty Symonds. Intérpretes: David Thewlis; Katie Carr; Jim Carter; Alice Krige; Tyron Leitso; Wentworth Miller; Colin Salmon, Stuart Wilson e outros. [S. l.]: Alpha, 2001. 1 DVD (160 min), son., color. Título original: "Dinotopia".

NO MUNDO 2020. Direção Richard Fleischer. Produção Walter Seltzer e Russel Thacher. Interpretes: Charlton Heston; Edward G. Robinson; Joseph Cotten; Chuck Connors e outros. [S. l.]: Metro-Goldwyn-Mayer, 1973. Título original: "Soylent Green". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qcfuNSF9xK8>>. Acesso em 05 jun. 2017

FARENHEIT 451 [Fahrenheit 451]. Direção: François Truffaut. Produção: Anglo Enterprises. UK, 1966, son. col. 112 min.

O CLUBE do imperador. Direção: Michael Hoffman. Produção: Andrew Karsch e Marc Abraham. Intérpretes: Kevin Kline; Steven Culp; Embeth Davidtz; Patrick Dempsey; Joel Gretsch; Edward Herrmann; Emile Hirsch; Rob Morrow; Harris Yulin e outros. [S. l.]: Europa Filmes, 2004. 1 DVD (104 min), son., color. Título original: "The emperor's club".

O DIA depois de amanhã. Direção: Roland Emmerich. Produção: Mark Gordon e Roland Emmerich. Intérpretes: Dennis Quaid; Jake Gyllenhaal; Ian Holm; Emmy Rossum; Sela Ward e outros. [S. l.]: Twentieth Century Fox, 2004. 1 DVD (123 min.), son., color. Título original: "The day after tomorrow".

O GUARDIÃO: em busca da lança sagrada. Direção: Peter Winther. Produção: Dean Devlin. Intérpretes: Olympia Dukakis; Bob Newhart; Jane Curtis; Lisa Brenner; Noah Wyle; Kyle MacLachlan; Sonya Walger; Kelly Hu e outros. [S. l.]: Flashstar Home Video, 2004. 1 DVD (90 min), son., color. Título original: "The librarian: quest for the spear".

O NOME da rosa. Direção: Jean-Jacques Annaud. Produção: Bernd Eichinger. Intérpretes: Sean Connery; Christian Slater; F. Murray Abraham; Michel Lonsdale; Elya Baskin; Ron Perlman e outros. [S. l.]: Warner Bros., 1986. 1 DVD (131 min), son., color. Baseado na obra de Umberto Eco. Título original: "The name of the rose".

O PRESENTE. Direção: Michael O. Sajbel. Produção: Rick Eldridge. Intérpretes: John Sheperd; Cleve Landsberg; James Garner; Drew Fuller; Bill Cobbs e outros. [S. l.]: Vídeo Filmes, 2006. 1 DVD (114 min), son., color. Baseado no romance de Jim Stovall. Título original: "The ultimate gift".

UHF. Direção: Jay Levey. Produção: Becki Cross; Deren Getez; Gene Kirkwood e Gray Frederickson. Intérpretes: "Weird Al" Yankovic; Victoria Jackson; Kevin McCarthy; Michael Richard; David Bowie e outros. [S. l.]: MGM, 1989. 1 DVD (97 min), son., color.

Anexo C – Ficha Técnica dos Filmes Analisados¹⁴

Título: Fahrenheit 451 (Original)
Ano de produção: 1966
Dirigido por: François Truffaut
Estreia: 16 de setembro de 1966 (Mundial)
Duração: 112 minutos
Classificação:
Gênero: Drama; Ficção Científica; Thriller
Países de Origem: Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte

Título: Der Name der Rose (Original)
Ano produção: 1986
Dirigido por: Jean-Jacques Annaud
Estreia: 1986 (Brasil)
Duração: 130 minutos
Classificação:
Gênero: Drama Mistério Policial Suspense
Países de Origem: França

Título: The Time Machine (Original)
Ano produção: 2002
Dirigido por: Simon Wells
Estreia: 19 de abril de 2002 (Brasil)
Duração: 96 minutos
Classificação: 14 - Não recomendado para menores de 14 anos
Gênero: Ação Aventura Ficção Científica
Países de Origem: Estados Unidos

Título: Agora (Original)
Ano produção: 2009
Dirigido por: Alejandro Amenábar
Estreia: 9 de outubro de 2009 (Brasil)
Duração: 127 minutos
Classificação : 16 - Não recomendado para menores de 16 anos
Gênero: Aventura; Drama; História; Romance
Países de Origem: Espanha

¹⁴ Retirados do site Filmow.com